Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Terça-feira 11.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 663 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)



MEMÓRIA DOS INCÊNDIOS, APELO À COESÃO E REPARAÇÕES MARCAM DIA DE PORTUGAL

PÁGS. 12-13

Marcelo Rebelo de Sousa escolheu este ano Pedrógão Grande para cerimónia do 10 de Junho

PAULO NOVAIS/LUSA

25 DE NOVEMBRO
CDS quer Parlamento a comemorar o dia "que é mais do que uma data"

PÁGS. 14-15

Tecnologia
Apple faz acordo com OpenAI e leva IA generativa para o iPhone com Apple Intelligence

PÁG. 23

Euro2024
Martínez tirou lições da Croácia e Pepe e Ronaldo vão a jogo

PÁG. 24

LÍDER SOCIALISTA INVERTE ESTRATÉGIA E APROXIMA PS DO CENTRO



Vitória à tangente nas europeias leva Pedro Nuno Santos a não querer apostar tudo no voto de esquerda. Na direita, serenidade na AD contrasta com "preocupação" no Chega e receios de "euforia" na IL

AD FICAVA À FRENTE NA ASSEMBLEIA COM RESULTADOS DAS EUROPEIAS

PÁGS. 4-5

EUROPEIAS
SISMO POLÍTICO EM FRANÇA, EUROPA REALINHOU-SE À DIREITA, MAS O CENTRO RESISTIU

PÁGS. 8-9

ESPANHA
Acabou-se a Festa de Alvise Pérez surpreende e celebra três deputados PÁG. 11

PUBLICIDADE

PILARES DA SAÚDE

PILARES DA SAÚDE CLÍNICA MÉDICA E MEDICINA ESTÉTICA

"PROMOVEMOS QUALIDADE DE VIDA"

VALOR Económico

HOJE COM O DN



Até ver...

Ricardo Simões Ferreira
Editor do Diário de Notícias

Viva o voto em mobilidade! Mas e os imobilizados?

Diga Pedro Nuno Santos o que disser, uma abstenção de 63% nas Eleições Europeias deste domingo continua a ser uma enormidade. Apesar das medidas tomadas, e bem, apenas se conseguiu reduzir o absentismo em 5,9 pontos percentuais, relativamente a há cinco anos – e o tempo não estava propriamente de praia. Embandeirar em arco uma "grande vitória", como o líder socialista fez com este nível de votação é manifestamente exagerado. Ainda por cima tendo em conta que o seu partido, com uma lista de eurodeputados totalmente renovada e, aparentemente, escolhida a dedo pelo próprio secretário-geral, que fez tábua rasa do trabalho de quem está em Estrasburgo a trabalhar em nome de Portugal, perdeu representação. Mas isso são, aparentemente, detalhes.

Seja como for, é sem dúvida de louvar o voto em mobilidade permitido pela – bem atrasada, mas mais vale tarde do que nunca... – digitalização dos cadernos eleitorais, algo cuja responsabilidade é, como aliás fez questão de sublinhar na noite eleitoral o atual primeiro-ministro, Luís Montenegro, do ex-ministro da Administração Interna, o socialista José Luís Carneiro. Quando se tem sentido de Governo, elogia-se as boas medidas, independentemente da cor política de quem as toma. Algo a que não estávamos propriamente habituados nos últimos anos... e voltámos, no domingo à noite, a ter mais um exemplo do que a casa até agora gastou. Mas já lá vamos.

No entanto, se os cadernos digitais (e a característica de se tratar de uma eleição de círculo único, dizem, ainda que entenda por que razão a digitalização também não resolveria isso!) permitiu a votação em qualquer lugar, o Governo continuou a esquecer-se dos milhares de eleitores que, por estarem acamados ou por outras dificuldades físicas não puderam votar.

Situações para quem a Administração Pública até encontrou soluções durante a pandemia, nas últimas Eleições Presidenciais – com deslocações ao domicílio ou aos locais onde os inscritos se encontravam para que pudessem votar –, e nessa altura ainda os cadernos eleitorais eram os tradicionais.

Claro que, como muito frequentemente acontece em Portugal, as boas ideias são para acabar rapidamente e nas Legislativas seguintes, já sem covid, não houve nada destas modernices.

Nestas Europeias, tendo eu um ainda jovem familiar próximo internado em paliativos, e sendo quase de certeza as últimas eleições em que ele poderá participar, adoraria o próprio que lhe tivessem dado essa oportunidade de cumprir o seu direito – e dever – de cidadania. Mas tal como acontece a muitos, muitos, muitos portugueses, neste momento o que o país lhe oferece, isso sim, é que ele pague os seus impostos até para além do último dia.

O comentador em campanha

Este domingo à noite foi também a estreia do ex-primeiro-ministro transformado em comentador na CMTV, à falta de ainda não ter sido inaugurado o mais sério NewsNow – o novo canal do mesmo grupo em que António Costa é figura de cartaz. E, de acordo com a Agência Lusa – eu estava a cobrir as eleições para o DN, pelo que não tive oportunidade de o ouvir em direto – a sua primeira reação aos resultados eleitorais (ainda se comentavam sondagens) foi: "Eu diria que a presidente da Comissão Europeia será do PPE e o do Conselho Europeu dos socialistas." Ou seja, era uma boa notícia para a sua própria eleição!

Aliás, a noite acabou com Montenegro a declarar-lhe apoio e o próprio António Costa a dizer que, ainda era ele chefe de Governo e já tinha combinado isso mesmo com o líder do PSD. (Um *timing* que não se percebe... foi isto antes da *Operação Influencer*? Então tencionava abandonar o Governo para ir para a Europa, ao contrário do que prometera? Ou foi depois deste caso, entre a demissão e a verdadeira saída, e tinha apenas enorme fé de que o processo se resolvesse a tempo? E então já não era bem primeiro-ministro...)

O comentário, o primeiro ainda por cima, é sintomático de um tipo de comportamento a que o ex-inquilino de São Bento nos habituou há décadas: na vida política, nos assuntos de Estado e supra-Estado, para Costa vem, acima de tudo, Costa. É sempre um valor seguro.

A CNE e uma lei do muito antigamente

Outro valor igualmente seguro é a Comissão Nacional de Eleições, a sua interpretação estrita das leis que regem os atos eleitorais e como a atitude paternalista dos agentes públicos e a plasmada no texto legal, associada à incapacidade dos políticos de mudar o que está obviamente desfasado da realidade, faz-nos viver alegremente num país de ficção.

Este domingo – e após um pedido da estação pública RTP para uma orientação, pois bem! – tivemos a CNE a ordenar aos *media* que não noticiassem quaisquer resultados ou projeções do resto da Europa até às 20.00 horas em Portugal Continental – seguindo a norma de que nenhumas projeções podem ser dadas até ao fecho das nossas urnas (nos Açores), e uma vez que as eleições em toda a UE consubstanciam o mesmo ato eleitoral, esses dados poderiam influenciar os nossos eleitores que ainda não votaram.

Ora desde as 19.00 horas de Lisboa que havia projeções e resultados em países como França e Alemanha. Aliás, a dado momento, já dirigentes ligados ao presidente francês, Emmanuel Macron, e a Marine Le Pen, a líder de extrema-direita, tinham falado. Nós, portugueses, para "cumprir a lei", não poderíamos noticiar!

Os cidadãos interessados, claro, foram ler numa coisa que a CNE e a lei atual parecem desconhecer: a internet – possivelmente em fontes piores, ou numa língua que entendem menos bem. É o que acontece sempre que se impede os jornalistas de fazerem o seu trabalho.

Sonegar informação, seja em que momento for, isso sim, é um atentado à democracia. Não dar às pessoas toda a melhor informação disponível no momento, isso sim, é que deveria ser censurável. Não compreender isto, isso sim, é que é muito preocupante numa sociedade que se diz moderna e saudável.

OS NÚMEROS DO DIA

5.º

LUGAR
A posição de Portugal no ranking dos países da UE onde a taxa de participação nas Europeias de domingo mais subiu, um acréscimo de 6,7 pontos percentuais face a 2019. A taxa de participação no nosso país foi de 37,52%.

56

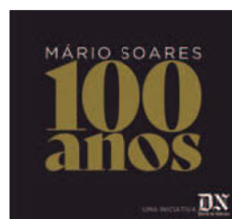
APURADOS
Os atletas portugueses com lugar marcado nos Jogos Olímpicos de Paris, depois de ontem Fatoumata Diallo, na prova dos 400 metros barreiras durante os Europeus de Roma, ter garantido um lugar, elevando assim para 12 os apurados só no atletismo.

90

PAÍSES
Os países e organizações, metade dos quais europeus, que já confirmaram presença na cimeira de paz na Ucrânia, no fim de semana, organizada pela Suíça, na qual a Rússia estará ausente.

22

PERGAMINHOS
O 'tesouro' encontrado pelo Conselho Provincial de Alava no mosteiro de Quejana (Ayala), em Espanha, pertencentes à mesma bíblia gótica, dos quais outras 64 folhas serão leiloadas na Christie's, com um preço inicial superior a 35 mil euros.





11.6.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.



PUBLICIDADE

JÁ NAS BANCAS

NESTA EDIÇÃO

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
O paraíso africano que nos rouba a alma

EURO 2024
A Alemanha não é só futebol

BÉLGICA
Fomos fazer Bruxelas a pé



ASSINE AQUI



Volta ao Mundo

EUROPEIAS

Pedro Nuno Santos inverte estratégia e aproxima PS do centro

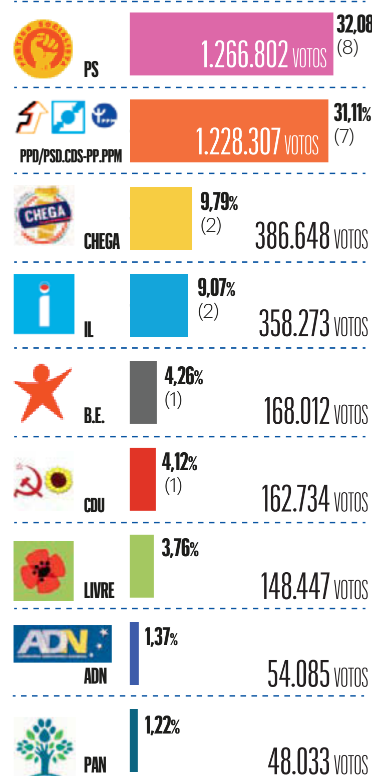
Vitória por "poucochinho" nas eleições leva líder do PS a não apostar tudo no voto à esquerda. Discurso de aproximação ao centro foi "evidente". Na direita, serenidade na AD contrasta com preocupação no Chega e receios de "euforia excessiva" na IL com os resultados.



TEXTO **ARTUR CASSIANO E LEONARDO RALHA**

Total nacional

21 - Número de deputados



PARTICIPAÇÃO: 37,50%
3.948.395 VOTANTES
10.789.373 INSCRITOS

"Eu sei que muitas vezes se diz que por um se ganha e por um se perde. É verdade, no futebol é assim. Na política não é assim. É que a diferença faz muita diferença, na política. É que quem ganha por poucochinho é capaz de poucochinho. E o que nós temos de fazer não é poucochinho. O que nós temos de fazer é uma grande mudança".

A frase é de António Costa pouco tempo depois de António José Seguro, em 2014, ter ganho as europeias com 31,46% dos votos e com mais um deputado (ficou 8 a 7) do que a AD. Em 2013, o então secretário-geral tinha ganhado as autárquicas com 36,26% dos votos.

Um acrescento de Costa: Para o "PS ser alternativa, não lhe basta ganhar". Os argumentos e o caminho tiveram o apoio do atual secretário-geral socialista – e dos restantes três "jovens turcos": Pedro Delgado Alves, João Galamba e Duarte Cordeiro que alimentaram a oposição interna ao segurismo - que levaram à queda de Seguro nas eleições internas de setembro de 2014.

A comparação, que começa a ser recorrente, é sublinhada ao DN, por fontes socialistas, que lembram que o "poucochinho" das eleições internas de 2014 repetiu-se ontem (um 8 a 7).

No entanto, nas palavras de Pedro Nuno Santos, foi um resultado que transformou o PS na "primeira força política em Portugal (…) tivemos mais votos e mais mandatos".

Na realidade, o PS ficou-se por um resultado abaixo do que o de António Costa em 2019 (9 eleitos) e igual ao de António José Seguro – o tal que Costa chamou de "poucochinho" – em 2014 (8 eleitos). E o "mais mandatos" traduz-se no singular: um mandato a mais.

As fontes socialistas, ouvidas pelo DN, que não escondem a insatisfação pelo resultado – "é positivo, mas não se pode estar contente" – , assinalam a gradual "aproximação" do líder socialista, "evidente no domingo", ao eleitorado do "centro político e social".

O "esquerdismo" no discurso após as legislativas que se manteve por semanas e semanas num "azedume quase contra tudo" e em garantias de que o PS não iria viabilizar o OE2025 da AD está a dar lugar a uma narrativa "mais moderada" – até por "pressão pública" do Presidente da República que já avisou por diversas vezes para os riscos da "instabilidade" se Pedro Nuno Santos "cumprir o prometido".

Esta frase – "Não será pelo PS que haverá instabilidade política em Portugal. Não é o Governo que ficou em causa nestas eleições, mas sim uma determinada forma de governar. Essa sim foi derrotada nestas eleições" – foi entendida, por isso, pela fontes ouvidas pelo DN, como "uma inversão" que já "tardava".

Porém, o "incómodo" existe e foi "visível na falta de mobilização" durante a campanha eleitoral.

A convocação de uns "Estados Gerais" no PS foi recebida com agrado. "Um líder tem que ouvir todos, todas as tendências, não pode fechar-se num círculo restrito de conselheiros. E quem está no parlamento vê e sente como se afasta de muitos deputados", lamenta um antigo dirigente.

Pedro Nuno Santos justifica a iniciativa com "renovação" à semelhança do que fez na equipa de eurodeputados que o PS tinha desde 2019.

"Nos próximos meses o PS lançará os estados gerais para que nós consigamos construir com o país uma alternativa programática e de poder ao Governo da AD", adiantou.

Os "estados gerais para a nova maioria" foram uma estratégia de abertura do PS à sociedade civil lançados então por António Guterres quando estava na oposição e que lançaram as bases da sua governação.

À direita algo de novo

Na Aliança Democrática (AD) domina uma sensação de desafio foi superado, apesar de o PS ter voltado a ser o mais votado e de a lista de Marta Temido ter acabado por eleger mais um eurodeputado.

Além do resultado, que pode ser descrito como derrota tangencial, a garantia deixada por Pedro Nuno Santos na noite eleitoral está a ser encarada como um forte indício de que o Governo de Luís Montenegro pode esperar um processo de aprovação do Orçamento do Estado menos penoso, ou potencialmente encaminhador para novas eleições antecipadas, do que as últimas semanas deixavam prever.

Por outro lado, o mau resultado do Chega, que perdeu perto de dois terços dos votos e metade da percentagem em relação às legislativas, permite alimentar a esperança de que André Ventura repense a estratégia parlamentar. Sobretudo na medida em que as constantes referências a "coligações negativas", não só de governantes, mas também do líder da bancada social-democrata, Hugo Soares, poderão ter sido bem-sucedidas a afastar eleitores do partido mais à direita no hemiciclo.

O balanço do mau resultado de domingo, ainda que Ventura e outros dirigentes se tenham esforçado por realçar o óbvio – não tinham nenhum eleito no Parlamento Europeu e agora passam a


Pedro Nuno Santos não coloca em causa o Governo da AD e garante que "não será pelo PS que haverá instabilidade política em Portugal".
PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS

ter dois –, levaram a uma preocupação generalizada, apesar das intervenções públicas em contrário.

"O Chega, que ganhou dois eurodeputados é que é derrotado? Só pode ser piada e demonstra que as expectativas para os outros partidos eram tão baixas que os seus maus resultados não foram surpresa para ninguém", escreveu a deputada Cristina Rodrigues no X, aludindo ao desaparecimento do PAN, à falha na estreia do Livre e à perda de deputados pelo BE e PCP.

Já na Iniciativa Liberal, uma das grandes vencedoras das europeias, existem receios de "euforia excessiva" com um resultado que retoma a trajetória de crescimento traçada nas últimas legislativas. Mas que também denota diferenças entre João Cotrim de Figueiredo e Rui Rocha.

AD ficava à frente em São Bento com resultados das europeias

Distribuição de votos das europeias nos 22 círculos encolhia Chega. IL era a grande beneficiada e o PS não teria maior grupo parlamentar.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A distribuição dos votos das eleições europeias nos 22 círculos eleitorais das legislativas (18 distritos, duas regiões autónomas e dois círculos da emigração) teria um resultado insólito: apesar de o PS ter obtido mais 38 mil votos do que a Aliança Democrática (AD) no domingo, a coligação continuaria a eleger mais dois deputados do que os socialistas caso estivessem em causa eleições legislativas. Assim sendo, a distância entre as duas forças principais não se alteraria, apesar de a 10 de março ter havido mais 55 mil portugueses a votarem nos partidos que sustentam o Governo de Luís Montenegro.

Essa aparente anomalia, que se repetiria no que toca ao Chega e à Iniciativa Liberal – pois os liberais, com menos 38 mil votos, teriam mais um deputado do que o terceiro mais votado –, tem a ver com a forma como os mandatos se repartem entre os círculos eleitorais. Ainda que o maior número de votos do PS tenha garantido mais um mandato no Parlamento Europeu (8) do que os assegurados pela lista encabeçada por Sebastião Bugalho (7), a extrapolação da votação deste domingo para um cenário de legislativas implicaria que tanto a AD como o PS aumentassem os respetivos grupos parlamentares em 9 deputados. Apesar de os socialistas ganharem uma dezena de mandatos, com destaque para mais dois no círculo do Porto, perderiam o seu eleito pela Europa.

A principal vítima dos resultados de domingo seria o Chega, que ficaria sem 31 dos atuais 50 deputados se a votação da campanha, na qual o cabeça de lista Tânger Corrêa teve sempre consigo André Ventura – com o líder do partido a assumir responsabilidade pelo resultado –, se refletisse na composição da Assembleia da República. E o partido passaria a ter eleitos apenas em Lisboa, Porto, Setúbal, Braga, Aveiro, Leiria, Coimbra, Santarém, Faro, Viseu e Fora da Europa.

Maior beneficiária da queda do Chega seria a Iniciativa Liberal, que saltaria de 8 para 20 deputados, com um forte avanço em Lisboa e Porto, embora também surpreendesse com a eleição do seu cabeça de lista pela Europa.

Esquerda nivelada e PAN desaparece

Quase sem diferenças ficaria o quadrante esquerdo do hemiciclo, ainda que o Bloco de Esquerda deixasse de ter mais um deputado do que o PCP e o Livre. Isto porque os resultados das europeias conduziriam à eleição de um segundo comunista em Setúbal e de um terceiro elemento do Livre em Lisboa. Piores seriam as notícias para o PAN, cujos 12.807 votos em Lisboa não bastariam para manter Inês de Sousa Real.

ONDE É QUE OS PARTIDOS GANHARIAM E PERDERIAM DEPUTADOS?

ALIANÇA DEMOCRÁTICA (+9)
Ganharia em: Aveiro, Viseu, Madeira, Viana do Castelo, Vila Real, Açores, Castelo Branco, Portalegre e Europa.

PS (+9)
Ganharia em: Lisboa, Porto (2), Braga, Aveiro, Santarém, Faro, Guarda, Évora e Beja.
Perderia em: Europa.

INICIATIVA LIBERAL (+12)
Ganharia em: Lisboa (3), Porto (2), Setúbal, Braga, Leiria, Coimbra, Santarém, Faro e Europa.

CHEGA (-31)
Perderia em: Lisboa (4), Porto (4), Setúbal (2), Braga (2), Aveiro (2), Leiria, Coimbra, Santarém (2), Faro (2), Viseu, Madeira, Viana do Castelo, Vila Real, Açores, Castelo Branco, Guarda, Évora, Beja, Portalegre e Europa.

BLOCO DE ESQUERDA (=)

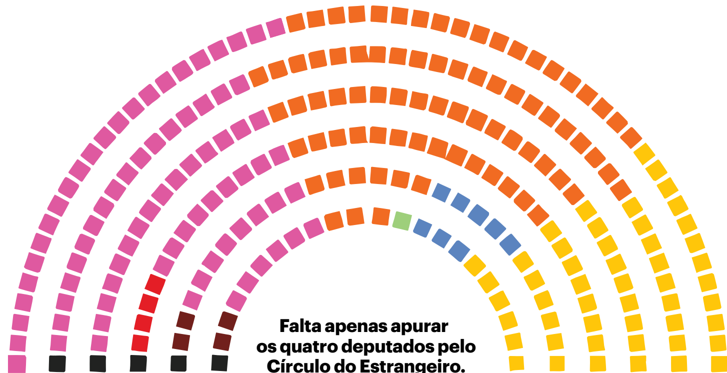
CDU (+1)
Ganharia em: Setúbal.

LIVRE (+1)
Ganharia em: Lisboa.

PAN (-1)
Perderia em: Lisboa.

A DIFERENÇA SE FOSSEM ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

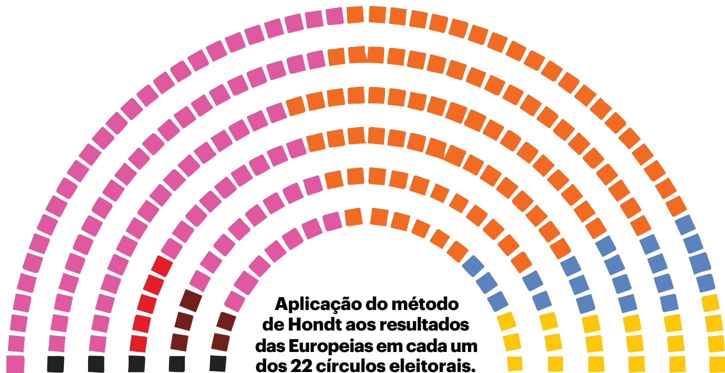
CONSTITUIÇÃO DO PARLAMENTO APÓS LEGISLATIVAS 2024



DEPUTADOS ELEITOS
- PS **78**
- BE **5**
- LIVRE **4**
- CDU **4**
- PAN **1**
- AD **80***
- CHEGA **50**
- IL **8**

*inclui 3 da coligação PSD/CDS na Madeira

COMO FICARIA O PARLAMENTO COM RESULTADOS DAS EUROPEIAS 2024



DEPUTADOS PROJETADOS
- PS **87**
- BE **5**
- LIVRE **5**
- CDU **5**
- PAN **0**
- AD **89***
- CHEGA **19**
- IL **20**

*inclui 3 da coligação PSD/CDS na Madeira

Nova fornada de eurodeputados vai ter de ganhar espírito comunitário



Marta Temido

50 anos
PS
Socialistas & Democratas

Ministra da Saúde durante a pandemia de covid-19, a administradora hospitalar que António Costa levou para o Governo em 2019, substituindo Adalberto Campos Fernandes, demitiu-se no verão de 2022, na sequência da morte de uma grávida que estava a ser transportada entre dois hospitais lisboetas. De independente passou a figura de relevo no PS, ascendendo à liderança na concelhia de Lisboa, pelo que era vista como um dos mais prováveis nomes para tentar reconquistar a autarquia da capital nas eleições autárquicas de 2025.

Acabou por ser escolhida para cabeça de lista nas europeias e a aposta de Pedro Nuno Santos foi recompensada com uma nova vitória do PS. Fica ligada à primeira vitória de uma mulher numa eleição de âmbito nacional em Portugal, prometendo impedir "recuos nos direitos das mulheres" a partir do Parlamento Europeu.



Francisco Assis

59 anos
PS
Socialistas & Democratas

No atribulado arranque da legislatura ficou estabelecido que iria substituir José Pedro Aguiar-Branco na presidência da Assembleia da República dentro de dois anos, mas por agora volta ao Parlamento Europeu, onde esteve de 2014 a 2019. Primeiro da ala centrista do PS a apoiar Pedro Nuno Santos, já foi líder parlamentar e presidente do Conselho Económico e Social.



Ana Catarina Mendes

51 anos
PS
Socialistas & Democratas

Figura destacada do PS desde a juventude, a antiga ministra dos Assuntos Parlamentares tem no currículo uma extensa experiência enquanto deputada, tendo chegado a ser líder parlamentar. Também foi secretária-geral-adjunta dos socialistas durante a legislatura apoiada pela "Geringonça".



Bruno Gonçalves

26 anos
PS
Socialistas & Democratas

Secretário-geral da União Internacional das Juventudes Socialistas, o bracarense é analista de tecnologia de informação. "Internacionalista convicto", dedica-se a temas como o combate às desigualdades e o reconhecimento do Estado da Palestina.



André Rodrigues

47 anos
PS
Socialistas & Democratas

Era vice-presidente do grupo parlamentar do PS na Assembleia Regional dos Açores, após ter sido assessor do anterior presidente do Governo Regional, Vasco Cordeiro. Licenciado em Direito, o secretário coordenador do PS na ilha de São Miguel prometeu ser "um embaixador dos interesses dos Açores em Bruxelas". Também foi jornalista durante 15 anos.



Carla Tavares

53 anos
PS
Socialistas & Democratas

A presidente da Câmara da Amadora suspendeu o seu terceiro (e último) mandato, bem como o de presidente do Conselho Metropolitano de Lisboa, devido à sua candidatura ao Parlamento Europeu, onde vai integrar a renovação total da delegação do PS. Licenciada em Gestão pela Universidade Autónoma de Lisboa e analista financeira na Caixa Banco Investimento, entre 1993 e 2002, integrou o grupo parlamentar socialista na viragem do século. E no seu concelho também foi deputada municipal e vereadora antes de presidir à autarquia.



Isilda Gomes

72 anos
PS
Socialistas & Democratas

A antiga governadora civil de Faro, entre 2007 e 2011, também suspendeu o mandato de presidente da Câmara de Portimão ao ser colocada na lista socialista ao Parlamento Europeu. Natural da Guarda, a antiga professora do ensino básico, acusada pela então bastonária dos Enfermeiros, Ana Rita Cavaco, de "furar filas" aquando do início do processo de vacinação contra a covid-19, preside à Associação Nacional de Autarcas do PS. Exerceu até agora idênticas funções na Comissão de Recursos Naturais do Comité das Regiões.



Sérgio Gonçalves

45 anos
PS
Socialistas & Democratas

O ex-líder regional socialista na Madeira sucedeu a Paulo Cafôfo da mesma forma que acabou por ter o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas a suceder-lhe – curiosamente, o PS obteve os mesmos 11 deputados nas eleições regionais de 2023 e de 2024. Licenciado em Economia e com um mestrado em Gestão Internacional, confirmou neste domingo o que se esperava desde que foram reveladas as listas das restantes forças partidárias: será o único eurodeputado a representar a sua região autónoma.



Sebastião Bugalho

28 anos
PSD (independente)
Partido Popular Europeu

Considerado um jovem prodígio do comentário político, alvo de uma transferência da CNN Portugal para a SIC no verão passado, aceitou o desafio do primeiro-ministro Luís Montenegro para encabeçar a lista da Aliança Democrática ao Parlamento Europeu. Apesar da proximidade com o líder social-democrata, que o apresentou como "talentoso" e "disruptivo" quando surpreendeu o seu próprio partido ao revelar a sua escolha, para já mantém-se como independente, tal como foi nas legislativas de 2019, quando integrou as listas do CDS-PP, por convite da então líder centrista Assunção Cristas. Na altura não foi eleito pelo círculo de Lisboa, mas as sucessivas renúncias de deputados colocados à sua frente deram-lhe a oportunidade de entrar para a Assembleia da República. Mas optou pelo jornalismo.

Desta vez aceitou o desafio com a certeza de que seria eleito e tem a convicção de que fez uma mudança de vida que não tem volta.



Paulo Cunha

52 anos
PSD
Partido Popular Europeu

O vice-presidente do PSD é um dos dirigentes mais próximos de Luís Montenegro e tem a carreira política muito ligada à terra natal, Vila Nova de Famalicão. Advogado e professor, foi deputado municipal, vereador e presidente do concelho minhoto. E conquistou a distrital social-democrata de Braga, ajudando o agora primeiro-ministro a tornar-se líder.



Ana Miguel Pedro

35 anos
CDS-PP
Partido Popular Europeu

Antiga assessora do agora ministro da Defesa, Nuno Melo - um dos cinco antigos eurodeputados que integram o Governo de Luís Montenegro, ao lado dos também ministros Paulo Rangel, José Manuel Fernandes e Maria da Graça Carvalho, e da secretária de Estado Cláudia Monteiro de Aguiar – a representante centrista na lista da Aliança Democrática é especialista em questões europeias. Tem apenas 35 anos, mas trabalha no Parlamento Europeu desde 2011.

A grande maioria são estreantes. Só dois conhecem os corredores de Bruxelas e Estrasburgo como eurodeputados: Francisco Assis (entre 2004 e 2009) e Lídia Pereira que foi eleita nas europeias de 2019. Na lista dos 21 eleitos há quatro presidentes de câmara em funções (Amadora, Trofa, Portimão e Mafra), duas ex-ministras, um antigo líder parlamentar, dois ex-líderes partidários e uma assessora no Parlamento Europeu desde 2011.

TEXTO **LEONARDO RALHA**



Hélder Sousa e Silva

58 anos
PSD
Partido Popular Europeu

O presidente da Câmara de Mafra, e também dos Autarcas Sociais-Democratas, foi mais um dos candidatos que suspenderam o mandato devido à participação na campanha eleitoral, estando agora de partida para Bruxelas. Influente no PSD, completou duas licenciaturas: Engenharia Eletrotécnica e de Computadores e Ciências Militares.



Lídia Pereira

32 anos
PSD
Partido Popular Europeu

Única eurodeputada portuguesa da legislatura cessante a ser reeleita, a economista natural de Coimbra vai dar início ao segundo mandato. Além de ser a presidente da Juventude do Partido Popular Europeu, a aposta de Rui Rio nas eleições de 2019 acumulou experiência na Comissão dos Assuntos Económicos e Monetários do Parlamento Europeu.



Sérgio Humberto

48 anos
PSD
Partido Popular Europeu

O presidente da Câmara da Trofa, também com mandato suspenso, é professor do Ensino Secundário e na juventude chegou a ser profissional de futebol. Será por isso que o auditor de Defesa Nacional integra o Conselho Consultivo da Associação de Futebol do Porto, tal como já foi assessor para o Desporto e Juventude da Câmara da Trofa. Eleito para a Assembleia da República na XII Legislatura, é desde 2022 o presidente da distrital do Porto do PSD.



Paulo Nascimento Cabral

51 anos
PSD
Partido Popular Europeu

Antigo chefe de gabinete do presidente do Governo Regional dos Açores, José Manuel Bolieiro, assegurou durante mais de uma década funções de assessoria e chefia de gabinete do PSD no Parlamento Europeu. Recentemente tornou-se conselheiro para a Energia e Açores na REPER - Representação Permanente de Portugal na União Europeia, sendo um dos novos eleitos com maior experiência comunitária.



Tânger Corrêa

72 anos
Chega
Identidade e Democracia

O vice-presidente do Chega era um dos raros altos dirigentes do partido fundado por André Ventura que nunca se tinham submetido a votos. Acabou por assumir protagonismo numa candidatura que permitiu a estreia no Parlamento Europeu, mas ficou claramente abaixo de expectativas mais elevadas, que oscilavam entre a vitória e a eleição de quatro eurodeputados – mais dois do que os 9,79% de votos permitiram.

Com cinco décadas de carreira diplomática, facto muitas vezes por si realçado, Tânger Corrêa foi cônsul-geral de Portugal em Goa e no Rio de Janeiro, bem como embaixador em países tão díspares quanto Catar, Egito, Israel e Lituânia. Autor de afirmações polémicas, admitiu "simpatia" pelo ditador sérvio Slobodan Milosevic e foi acusado de anti-semitismo ao partilhar teses acerca da ausência de judeus nas Torres Gémeas a 11 de setembro de 2011. Competiu nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1982, como velejador.



Tiago Moreira de Sá

53 anos
Chega
Identidade e Democracia

Poucos meses depois de recusar um lugar não elegível nas listas da Aliança Democrática para as legislativas, o professor universitário de Relações Internacionais vai estrear-se no Parlamento Europeu já filiado no Chega. Para trás ficam menos de dois anos na bancada parlamentar do PSD, por convite de Rui Rio, durante os quais foi coordenador de Negócios Estrangeiros no Conselho Estratégico Nacional desse partido.



João Cotrim de Figueiredo

62 anos
Iniciativa Liberal
Renew

Terceiro presidente da Iniciativa Liberal, e seu primeiro eleito para a Assembleia da República, nas legislativas de 2019, o gestor entra para o Parlamento Europeu após ser administrador de diversas empresas, distinguindo-se enquanto diretor-geral da TVI e presidente do Turismo de Portugal. Em outubro de 2022 deixara a liderança do seu partido, alegando que seria necessário um perfil diferente. Certo é que a eleição de Rui Rocha foi acompanhada por uma guerra interna entre os liberais, pela saída de destacados membros do partido e por uma estagnação eleitoral nas legislativas de 2024.

O bom resultado da Iniciativa Liberal nas eleições europeias de domingo está a ser visto como uma nova oportunidade para a afirmação do partido, com Cotrim de Figueiredo a garantir que não irá "dar tréguas a socialistas e a populistas", recuperando o *slogan* "O liberalismo resulta, e faz falta a Portugal", que vai passar a soar a partir de Bruxelas.



Ana Vasconcelos Martins

39 anos
Iniciativa Liberal
Renew

Atual vice-presidente da Comissão Executiva da Iniciativa Liberal, com o pelouro da Investigação e Conhecimento, tem a seu cargo a coordenação do iLab, que é o laboratório de ação política do partido. Nascida há 39 anos, nos Açores, já tinha sido candidata do partido nas europeias de 2019, ainda como independente. Entra agora para o Parlamento Europeu.



Catarina Martins

50 anos
Bloco de Esquerda
Esquerda

Depois de ter sido coordenadora do Bloco de Esquerda entre 2012 e 2023 – nos dois primeiros anos em conjunto com João Semedo –, a agora cabeça de lista cumpriu o objetivo mínimo de manter a representação do seu partido no Parlamento Europeu.

Na hora de celebrar a sua eleição, a antiga atriz e ativista, que foi uma das protagonistas da "Geringonça", garantiu que irá representar as mulheres e lutar contra o crescimento da extrema-direita na Europa e o "genocídio" que os bloquistas dizem estar em curso na Faixa de Gaza. De igual modo, advogou a rejeição do Pacto para as Migrações e Asilo, e disse que não irá aceitar "nenhum recuo nas liberdades e direitos das mulheres ou de ninguém", prometendo que o seu partido vai procurar as "alianças mais vastas possível em toda a Europa" no âmbito da esquerda europeia e ecologista.



João Oliveira

44 anos
PCP
Esquerda

Manter a representação do PCP no Parlamento Europeu foi o feito do ex-deputado comunista, que contrariou os sinais mais preocupantes das sondagens divulgadas antes das eleições europeias. O jurista de 44 anos, que perdeu o seu mandato na Assembleia da República em 2022, tem cinco anos pela frente em Bruxelas, o que estaria longe de ser certo da primeira vez que falou na noite eleitoral, dizendo que a "campanha de esclarecimento e informação" da CDU iria "ter efeitos muito para lá dos resultados destas eleições".

Rosto da sobrevivência dos comunistas portugueses no Parlamento Europeu, onde tiveram três eleitos em 2014 e dois em 2019, Oliveira promete lutar por "um Portugal mais democrático, desenvolvido e soberano, numa Europa de paz, progresso social e cooperação". Sempre a defender o "guerra não, paz sim" que aponta como solução para a Ucrânia.

Terra tremeu em França, Europa realinhou-se à direita, mas o centro resistiu

A decisão de convocar eleições antecipadas por Macron levou a pedidos semelhantes na Alemanha e em Espanha. O crescimento da direita e da extrema-direita é insuficiente para uma revolução no Parlamento Europeu, mas as políticas ambientais podem ficar em xeque.



TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Consequências internas

Os europeus foram chamados para eleger 720 deputados em Bruxelas e Estrasburgo, no entanto as leituras domésticas foram inevitáveis. O caso mais gritante foi o de França. Há muito que as sondagens apontavam para a vitória do partido de Marine Le Pen, mas a dimensão da derrota da coligação protagonizada pelo Renascimento, o partido de Emmanuel Macron, e a correlação de forças (em 81 deputados apenas 37 vão sentar-se nos grupos políticos do centro) levou o presidente a dissolver a Assembleia Nacional. “Não há uma onda de extrema-direita na Europa, mas houve um tremor de terra em França”, comentou Didrik de Schaetzen, secretário-geral da Aliança dos Democratas e Liberais pela Europa (ALDE), que faz parte do grupo político Renew, onde se sentam os eleitos do Renascimento.

Na Alemanha, com os eleitores preocupados sobretudo com a imigração, os partidos da chamada coligação semáforo também foram castigados, com os votos a fugirem sobretudo para a extrema-direita (Alternativa para a Alemanha, AfD), e extrema-esquerda (a Aliança Sahra Wagenknecht, o novo partido da ex-líder do partido A Esquerda). Os Verdes registaram o maior tombo, mas os sociais-democratas do SPD, que já obtiveram um resultado baixo em 2019, conseguiram baixar mais dois pontos percentuais, ficando com 13,9%. Os liberais mantiveram praticamente o mesmo resultado e, contas feitas, os partidos da coligação elegeram 31 em 96 deputados. Markus Söder, o líder do partido democrata-cristão da Baviera, CSU, irmão da CDU, pediu para que se olhasse para o país vizinho. “Este governo está basicamente acabado. Agora tem de ser como em França: houve pedidos de novas eleições, há novas eleições convocadas por Macron”, disse Söder, que é também o chefe do governo da região da Baviera. “O nosso país precisa de um novo começo”, afirmou. A CDU e a CSU obtiveram 30%, sensivelmente o mesmo do que em 2019, e elegeram igual número de representantes, 29. No entanto, o chanceler Olaf Scholz não se mostrou sensível ao apelo dos conservadores. “Os sistemas políticos em França e na Alemanha são muito diferentes. Em nenhum momento surgiu a ideia de que poderiam ser convocadas novas eleições ou algo do género”, disse o porta-voz de Scholz, Steffen Hebestreit, que apontou para o calendário eleitoral, onde o novo escrutínio está marcado para o outono de 2025. “É isso que tencionamos fazer.”

Em Espanha, a eleição que terá acabado de vez com o Ciudadanos (0,69% e a perda dos oito eurodeputados) reforçou o Partido Popular de Alberto Núñez Feijóo com nove representantes e a chegar na frente (como nas legislativas). Com mais quatro pontos percentuais do que o PSOE, o partido conservador pediu a demissão de Pedro Sánchez, lembrando outros tempos. “Quem tem de fazer uma reflexão é o senhor Sánchez. Quando o Partido Socialista, dirigido por Alfredo Pérez Rubalcaba, perdeu por três pontos, o secretário-geral assumiu a responsabilidade, deu um passo adiante e demitiu-se”, afirmou o porta-voz do PP Borja Sémper, em alusão às eleições europeias de 2014. Quem se demitiu da chefia do seu partido foi Yolanda Díaz. A até agora líder do Sumar assumiu os maus resultados do partido que substituiu o Podemos como parceiro de coligação do PSOE. O Sumar perdeu quase dois terços dos votos em relação às legislativas. “É necessário um debate e com esta decisão abro o caminho”, afirmou a ministra do Trabalho, que se mantém no executivo.



RALF HIRSCHBERGER / AFP

Na Grécia, o partido de centro-direita Nova Democracia obteve uma “vitória pírrica”, segundo as palavras do porta-voz do governo, Pavlos Marinakis, em função da perda de 13 pontos percentuais em relação às legislativas e cinco pontos sobre as europeias anteriores. O executivo liderado por Kyriakos Mitsotakis deverá ser alvo de uma profunda remodelação. À sua esquerda, no Syriza discute-se publicamente a ideia de formar uma alternativa com os outros partidos de esquerda.

> ★ Nos Países Baixos e em Itália e a extrema-direita manteve a proporção à custa da transferência de votos nesse campo. Noutros países os ganhos foram menores do que o esperado.

Não houve uma onda da extrema-direita

É indiscutível que a próxima legislatura do Parlamento Europeu vai ter uma configuração com mais peso à direita e na extrema-direita. Mas os ganhos não foram tão significativos a ponto de pôr em causa o peso relativo dos principais grupos, em espe-



SEBASTIEN SALOM-GOMIS / AFP

FERENC ISZA / AFP

cial o PPE, de centro-direita, que sai reforçado, e os socialistas e sociais-democratas (S&D), que registam uma perda marginal face ao final da atual legislatura. À exceção da França e da Alemanha, os resultados nos outros países foram díspares. Em Itália e nos Países Baixos mantiveram a mesma proporção à custa da transferência de votos entre os partidos de extrema-direita. Noutros países onde se previa que tivessem um bom desempenho, casos da Bélgica, Finlândia, Suécia, República Checa, Hungria e Polónia, acabaram por não ter o apoio popular esperado. Além disso, a extrema-direita, tendo como denominador comum o nacionalismo e a oposição à atual política de imigração, tem demasiados pontos em desacordo para se tornar num só bloco. Ainda que Marine Le Pen e Giorgia Meloni cheguem a acordo e se unam num grupo político, há partidos cujas posições extremistas não são compatíveis. Seja como for, o *flirt* de Ursula von der Leyen com Meloni terá acabado na noite das eleições quando a presidente da Comissão disse que iria ser um bastião contra a extrema-esquerda e a extrema-direita.

Verdes alemães deram tombo e enfraqueceram a coligação liderada por Scholz (esquerda); manifestação na cidade francesa de Nantes contra a Reunião Nacional (topo); comício do novo partido anti-Orbán, de Peter Magyar, cujo resultado impediu o Fidesz de alcançar a maioria absoluta na Hungria (em cima).

Ambiente pouco verde

Os grandes derrotados das eleições foram os Verdes e os liberais. Mas se dos últimos já se sabe que deverão manter-se na coligação informal com os conservadores e sociais-democratas, sobre os Verdes paira uma incógnita. É verdade que nos Países Baixos uma coligação com os Verdes venceu as eleições e que noutros países do norte mantiveram ou ganharam peso, mas perderam cerca de 20 mandatos, ficando com 53. O copresidente do grupo político, Philippe Lamberts, alerta para os tempos difíceis que se avizinham na UE no que respeita às políticas de combate às alterações climáticas. Tal como endureceram a política europeia de migração, diz, as forças nacionalistas vão tentar derrubar a meta da neutralidade carbónica para 2050. "O próximo horizonte, a próxima batalha, é, de facto, matar estas políticas verdes", disse ao *Daily Telegraph*. Daí a importância de os Verdes se juntarem à coligação PPE-S&D-Renew, como defendeu o comissário do Ambiente, o lituano Virginijus Sinkevicius.

Guerra no Parlamento

A Reunião Nacional de Marine Le Pen e a AfD, dois dos partidos que mais contribuíram para a ascensão da extrema-direita têm ligações à Rússia de Vladimir Putin – ou estão sob suspeita de tal. O partido francês recebeu milhões de euros em "empréstimos" de entidades bancárias russas (entretanto devolvidos) e é crítico do apoio de França à Ucrânia. A AfD, que está a ser investigada por suspeitas de financiamento russo, também mantém uma posição pró-russa. O porta-voz do Kremlin saudou a "dinâmica dos partidos de direita que ganham popularidade", embora Dmitri Peskov reconheça uma maioria no Parlamento Europeu "pró-Europa e pró-Ucrânia". O ex-presidente Dmitri Medvedev estima que as derrotas eleitorais de Macron e de Scholz são uma consequência de "políticas ineptas de apoio às autoridades banderitas [de Bandera, ultranacionalista ucraniano] da Ucrânia à custa dos seus cidadãos".

cesar.avo@dn.pt

Tiro de partida dado para as negociações

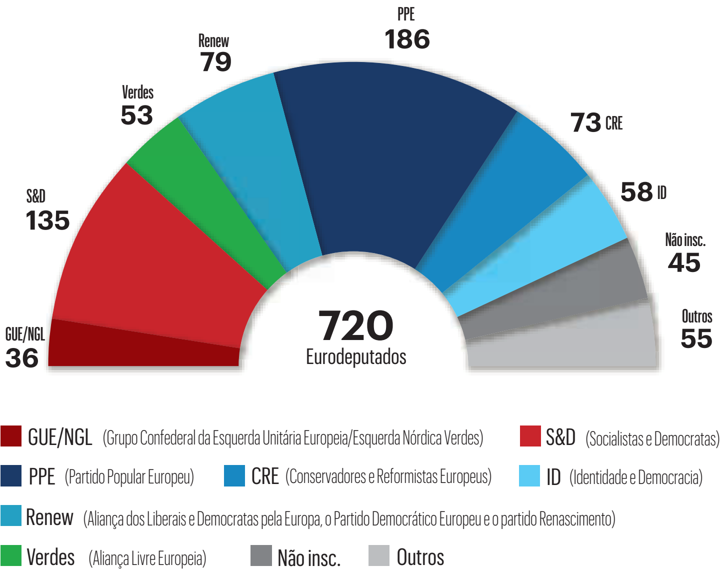
PPE reuniu-se para delinear estratégia sobre os cargos de chefia da UE. Líderes dos governos da Polónia, Grécia, Espanha e Alemanha designados negociadores.

É na primeira sessão plenária do Parlamento, entre os dias 16 e 19 de julho, que os eurodeputados começam por eleger alguns dos lugares de topo das instituições. Não há tempo a perder: os resultados e as declarações dos dirigentes apontam para a continuidade de uma coligação entre as maiores forças políticas, mas encontrar os nomes para os cargos envolve uma delicada renda tendo em conta pelo menos os fatores geográficos, políticos e de género.

Segundo o Politico, a primeira reunião de debate da estratégia do maior grupo político, o Partido Popular Europeu (PPE), para a sua candidata, Ursula von der Leyen, ser reeleita presidente da Comissão decorreu ontem. Além da própria, envolveu o presidente do grupo, Manfred Weber, e os chefes de Estado e de Governo do PPE. Na reunião, que se realizou por videoconferência, foi atribuído ao polaco Donald Tusk e ao grego Kyriakos Mitsotakis a tarefa de negociadores políticos, segundo a mesma fonte. Do lado dos socialistas e sociais-democratas (S&D), os negociadores serão o espanhol Pedro Sánchez e o alemão Olaf Scholz, segundo a Lusa.

A cimeira do G7, a decorrer entre quinta-feira e sábado numa estância de luxo, na província de Brindisi, sul de Itália, vai ser uma oportunidade para os líderes de três dos maiores países da UE começarem a apresentar as suas ideias sobre o assunto. Há relatos de que Emmanuel Macron preferia o ex-governador do BCE e ex-primeiro-ministro italiano Mario Draghi no lugar de von der Leyen, mas o seu poder foi diminuído nas urnas, tal como o de Olaf Scholz – pelo contrário, a anfitriã Giorgia Meloni tentará valer-se do seu novo peso, apesar de o seu partido não fazer parte de nenhum grupo político dominante. Depois desta primeira abordagem a três, os líderes dos 27 vão reunir-se no dia 17 em Bruxelas para discussões e, por fim, realizar uma cimeira nos dias 27 e 28 com o objetivo de chegar a acordo.

Além do principal cargo executivo, o quebra-cabeças envolve a sua nova equipa, os comissários – onde pontificará o responsável pela nova pasta da Defesa – e o chefe da diplomacia; o presidente do Conselho; e antes de mais, a presidência e vice-presidências do Parlamento. Reforçada nas urnas por um resultado histórico, a conservadora Roberta Metsola termina o seu mandato de dois anos e meio. Se o acordo entre PPE e S&D se mantiver, a maltesa dará lugar a um candidato do outro campo e esta poderá fazer parte da equipa de von der Leyen. Mas nas negociações pós-eleitorais pode dar-se o caso de Metsola se recandidatar. O precedente foi aberto com o social-democrata Martin Schulz (2012-2017). **C.A.**



Na hora de Ursula, Meloni e Bardella, Macron e Scholz fazem contas à vida

Entre surpresas e confirmações, há líderes a celebrar em Itália e na Polónia e outros a tirar lições dos resultados, em França e na Alemanha. E há ainda quem sonhe com estas europeias como trampolim para chegar ao poder em casa. TEXTO **HELENA TECEDEIRO**

5 VENCEDORES



Ursula von der Leyen
Presidente da Comissão Europeia

Em noite de festa para o PPE, grande vencedor das europeias, von der Leyen prometeu logo no domingo ser um baluarte com os radicalismos, de esquerda e de direita. A ex-ministra da Defesa alemã, que procura um segundo mandato à frente da Comissão Europeia, viu as ambições ganhar novo fôlego, se conseguir o apoio de socialistas e liberais, que com o PPE mantiveram a maioria no Parlamento Europeu. Médica e mãe de sete filhos, von der Leyen, 65 anos, era a grande favorita a manter o cargo, mas uma série de polémicas à sua volta vieram levantar dúvidas. Agora, perante os resultados, a filha de um funcionário da UE nem deve precisar do apoio de Meloni e aliados de extrema-direita, um cenário que admitiu, dizendo estar disposta a trabalhar com qualquer partido "pró-Europa, pró-Ucrânia e pró-Estado de Direito".



Giorgia Meloni
Primeira-ministra de Itália

Há cinco anos, os seus Irmãos de Itália conseguiam 6,4% dos votos e cinco eurodeputados. Agora, o partido da primeira-ministra Giorgia Meloni venceu com 29% dos votos e obteve 24 lugares no Parlamento Europeu. Uma confirmação para a mulher que não há muitos anos gritava que se derrubasse a UE, menos de dois anos depois de ter chegado ao poder. Aos 47 anos, Meloni foi cobiçada por von der Leyen, para a apoiar na Comissão, e por Marine Le Pen, para se unir ao seu partido em Bruxelas, criando um mega-grupo de extrema-direita. Saída reforçada de uma noite que foi de derrota para muitos líderes europeus, Meloni "pode ser hoje a primeira-ministra melhor posicionada em termos de força na UE", garante no Twitter Lorenzo Castellani, analista política na Universidade LUISS de Roma.



Jordan Bardella
Líder do Rassemblement National (ex-Frente Nacional)

Marine Le Pen continua a figura tutelar do partido fundado pelo seu pai – Rassemblement Nacional, ex-Frente Nacional – mas a vitória nestas europeias foi muito de Jordan Bardella, o líder da RN desde 2022 e cabeça de lista que aos 28 anos se tornou no rosto da normalização da extrema-direita francesa. Filho de imigrantes italianos, com sangue argelino, criado pela mãe num bairro social de Paris, Bardella duplicou o número de votos da RN em relação a 2019 e infligiu uma derrota tão pesada aos centristas e liberais de Emmanuel Macron que o presidente acabou por convocar legislativas para 30 de junho e 7 de julho. Agora a RN volta a apostar e Bardella, para primeiro-ministro. Depois de eleger 30 deputados no Parlamento Europeu, o partido de Le Pen procura agora colocar Bardella em Matignon - e nas presidenciais de 2027, o Eliseu?



Péter Magyar
Líder do Tisza, partido da oposição húngara

Os quase 45% obtidos pelo Fidesz de Viktor Orbán fariam a inveja de muitos outros líderes europeus, mas para o primeiro-ministro húngaro, estas europeias ditaram o pior resultados dos seus 14 anos no poder, sete pontos abaixo de há cinco anos. O responsável chama-se Péter Magyar, o antigo aliado tornado rival de Orbán cujo partido Tisza obteve quase 30% dos votos. Aos 43 anos, Magyar tem-se destacado por liderar grandes protestos nas ruas contra o "sistema". Conservador, Magyar ganhou fama após o escândalo que envolveu o perdão presidencial num caso de abuso de crianças (que levou à demissão da presidente e da ex-mulher de Magyar, a ministra Judit Varga). No domingo à noite garantiu que o resultado das europeias "é o Waterloo da fábrica de poder de Orbán, é o início do fim".



Donald Tusk
Primeiro-ministro polaco

Para Donald Tusk, a vitória da sua Coligação Cívica nas eleições europeias na Polónia é uma "luz de esperança para a Europa." O primeiro-ministro, que também já foi presidente do Conselho Europeu, tinha feito deste escrutínio uma espécie de luta existencial entre os defensores da União Europeia e os populistas eurocéticos, viu a sua coligação relegar o Lei e Justiça (o ultraconservador e nacionalista PiS, de Jaroslaw Kaczynski), que acusou de defender a saída da Polónia da UE, para segundo lugar, pela primeira vez numa década. Nas legislativas de 15 de outubro, apesar de o PiS ter tido mais votos, não alcançou maioria parlamentar face a uma coligação pós eleitoral de oposição, liderada por Tusk. Agora este vê confirmada a sua rota de reaproximação a Bruxelas.

5 VENCIDOS



Emmanuel Macron
Presidente de França

Passavam poucos minutos sobre o discurso de vitória de Jordan Bardella, líder e cabeça de lista do Rassemblement National, quando Emmanuel Macron surgiu nos ecrãs dos franceses para assumir o mau resultado do seu partido nas europeias econvocar eleições legislativas no fim do mês. Um gesto ousado do presidente que espera travar o avanço da extrema-direita. Mas que pode sair caro: uma sondagem nunca divulgada e encomendada no fim de 2023, agora revelada pelo *Nouvel Obs* dá a vitória ao RN, em caso de legislativas, o que forçaria o presidente a conviver com um primeiro-ministro de outra cor política até 2027. Impedido de se recandidatar, Macron tem ainda outro desafio: encontrar um candidato capaz de impedir Marine le Pen de chegar à presidência.



Olaf Scholz
Chanceler alemão

A vitória nas europeias na Alemanha foi claramente da CDU e da sua irmã bávara CSU, que conseguiram 30%, mas a festa foi também da AfD, o partido de extrema-direita que ficou em segundo lugar, ultrapassando os sociais-democratas do chanceler alemão Olaf Scholz (15,9% e 13,9%). Mas não foi só o PSD de Scholz a sofrer com a subida da AfD, também os seus parceiros de coligação no governo, Os Verdes e os liberais do FDP, foram sacrificados nas urnas, perdendo, os três em conjunto, mais de um milhão de votos para a extrema-direita. Já em apuros antes e agora ainda mais pressionado, Scholz não cedeu à pressão e rejeitou antecipar as eleições. Para já. No mínimo, esta derrota histórica (foi o pior resultado de sempre do SPD) pode pôr em causa nova candidatura de Scholz às legislativas marcadas para 2025.



Matteo Salvini
Líder da Liga e vice-primeiro-ministro italiano

Depois de ter sido o grande vencedor das europeias de 2019 ao obter 34% dos votos, Matteo Salvini e a sua Liga ficaram nestas eleições a baixo dos 9%. O primeiro lugar foi, sem surpresas, para os Irmãos de Itália, da primeira-ministra Giorgia Meloni, mas a queda a pique do partido do seu vice-primeiro-ministro foi uma das notícias da noite. Integrado no Identidade e Democracia (ID), quando Meloni faz parte dos Conservadores e Reformistas (CRE), a Liga é uma vítima colateral do sucesso da primeira-ministra, tendo passado de 28 eurodeputados para uns meros oito representantes no novo Parlamento Europeu. E poucos terão dúvidas que hoje é Meloni muito mais do que Salvini a patroa da direita mais radical em Itália.



Terry Reintke
Candidata dos Verdes à presidência da Comissão Europeia

Da França à Alemanha, a noite de domingo não correu bem aos Verdes europeus. Depois de um desempenho forte nas europeias de 2019, os ecologistas sofreram um duro revés que os deixa com menos duas dezenas de deputados ao Parlamento Europeu. Esta mudança no sentido de voto é um reflexo das mudanças no mundo, com as preocupações ambientais a darem lugar nas prioridades dos europeus à economia ou à segurança e defesa, influenciados pelas guerras na Ucrânia e em Gaza. Mas também não será alheio a este mau resultado o descontentamento com o custo de algumas medidas ambientais, com os inúmeros protestos de agricultores, em vários países da UE, a ilustrarem essas críticas. Más notícias também para a candidata dos Verdes à Comissão Europeia Terry Reintke.



Yolanda Díaz
Líder demissionária do Sumar e vice-primeira-ministra de Espanha

A noite eleitoral em Espanha começou com um empate entre PP e PSOE e terminou com uma vitória curta dos populares de Alberto Núñez Feijóo sobre os socialistas do primeiro-ministro Pedro Sánchez – 22 lugares contra 20. Mas o dia seguinte traria um tsunami político à esquerda do PSOE, quando a também vice-primeira-ministra Yolanda Díaz anunciou a demissão da liderança do Sumar devido aos maus resultados nas europeias. O partido, que junta várias forças à esquerda dos socialistas, "É necessário um debate e com esta decisão abro caminho para tal", afirmou Díaz, assumindo a responsabilidade pelo quinto lugar da formação, que elegeu 3 eurodeputados, mais um do que o Podemos que se chegou a juntar ao Sumar, para depois sair devido a desavenças.



YOUTUBE ALVISE

Alvise Pérez falou depois de conhecidos os resultados das europeias.

Acabou-se a Festa de Alvise Pérez surpreende e celebra 3 deputados

Movimento de extrema-direita liderado estrela das redes sociais que "persegue corruptos e criminosos" foi a sexta força mais votada nas europeias espanholas. Alvise já prometeu que ele e os outros dois eleitos vão sortear o salário que receberão em Estrasburgo.

TEXTO **ANA MEIRELES**

A surpresa da noite eleitoral em Espanha foi o Se Acabó La Fiesta (SALF) – algo como Acabou-se a Festa – um movimento de extrema-direita liderado pelo *influencer* Luis 'Alvise' Pérez, que conquistou três deputados, graças ao voto de mais de 800.763 pessoas, tornando-se na sexta maior força das europeias espanholas. Ficou a pouco mais de 11 mil votos do Sumar, parceiro de coligação do PSOE no governo, e superou partidos como o Podemos ou o Junts per Catalunya.

Olhando para o mapa de resultados, o SALF – que segundo os analistas ameaça erodir o espaço eleitoral do Vox – foi a quarta maior força política em nove comunidades autonómicas e os territórios onde conseguiu mais percentagem foram a Andaluzia, Canárias, Múrcia, Castela-La Mancha, Aragão, Cantábria e a Comunidade Valenciana.

Só na Andaluzia, a região natal de Alvise, arrecadou 180.816 votos (6,21%). Obteve também quase 141 mil votos na Comunidade de Madrid e 67.296 na Catalunha. As regiões com os resultados mais baixos foram Galiza, País Basco e Navarra. Segundo o CIS, 70% dos eleitores do Acabou-se a Festa são homens e metade são jovens (18 a 34 anos) – estima-se que 26,6% dos jovens que não puderam votar nas eleições gerais de 2023 se estrearam nas urnas votando no SALF.

Luis 'Alvise' Pérez, nascido em Sevilha há 34 anos, frequentou (mas não terminou) o curso de Ciências Políticas e Administração Pública, dando os primeiros passos na política como voluntário no União, Progresso e Democracia, da ex-socialista Rosa Díez. Em 2017, tornou-se militante do Ciudadanos (partido que perdeu os seus oito deputados nestas europeias), chegando a chefe de gabinete do grupo parlamentar laranja nas Cortes Valencianas. Dois anos mais tarde, com o desaire eleitoral do Ciudadanos, começou a trabalhar como independente.

800.763

Votos O Acabou-se a Festa estreou-se a receber 800.763 votos, o que lhe permitiu a eleição de três deputados para o Parlamento Europeu. Foi a sexta força mais votada em Espanha.

Define-se como analista e consultor político, mas foi graças às redes sociais, onde se apresenta com o nome de Alvise, que se tornou famoso, espalhando boatos sobre personalidades políticas e que já lhe valeram problemas com a justiça – tem cerca de meio milhão de subscritores no Telegram, mais de 830 mil no Instagram e 304 mil no YouTube, cuja página descreve como sendo um canal de notícias livre e independente. O último direto que fez no YouTube foi a sua conferência de imprensa pós-resultados na noite de domingo e teve mais de 508 mil visualizações.

No início do ano anunciou que seria candidato às europeias com o nome de Alvise, mas tal não foi possível, optando então por Se Acabó La Fiesta. Foi a votos sem apresentar as linhas mestras do movimento ou o seu programa eleitoral.

A maior parte dos seus apoiantes vêm precisamente das redes sociais, chamando-lhe Batman, por acharem que luta contra o mal.



"Espanha tornou-se na festa dos corruptos, dos mercenários, dos pedófilos e dos violadores, e muitos espanhóis anónimos sofrem as consequências todos os dias."

Luis 'Alvise' Pérez
Líder do Acabou-se a Festa

A jornalista do *El Confidencial* Itziar Reyero descreve Luis Pérez como um "propagador de boatos, ou lutador incansável das verdades mais sombrias e flagelo dos políticos, para os fiéis". Já o próprio fala de si próprio como sendo uma pessoa que quer "perseguir corruptos e criminosos".

"Não estou aqui para reformar nada, estou aqui para destruir o sistema", prometeu durante a campanha. Outra promessa que fez foi "sortear 100% do seu salário" como eurodeputado "entre todos os espanhóis que leiam a sua *newsletter*". No domingo à noite adiantou que os outros dois eleitos do movimento farão o mesmo. Certo também parece ser, segundo disse ao *Periodista Digital*, que não se mudará para a Bélgica, "um país falido onde só há islamistas, insegurança e violações".

No seu discurso de vitória, Alvise anunciou várias das suas intenções, agora que foi eleito eurodeputado. Uma delas é mandar para a prisão o primeiro-ministro Pedro Sánchez, mas não só. " Traficantes de drogas, criminosos e corruptos, não queremos mais recursos para a polícia ir atrás de vocês, queremos colocá-los na prisão, assim como Pedro Sánchez".

Falou também daquilo a que chamou os obstáculos burocráticos que existem em Espanha, exceto para a entrada de imigrantes no país, dizendo que "os tomates precisam de mais documentos para sair da horta do que um imigrante para entrar neste país". "Espanha tornou-se na festa dos corruptos, dos mercenários, dos pedófilos e dos violadores, e muitos espanhóis anónimos sofrem as consequências todos os dias", prosseguiu.

Lucía Méndez, redatora-chefe do *El Mundo*, descrevia no domingo os resultados de Alvise e do SALF como "a surpresa da noite eleitoral" em Espanha e que aconteceu "fora dos meios de comunicação social tradicionais e de qualquer convenção política, ética, moral ou democrática".

ana.meireles@dn.pt



Memória dos incêndios, apelo à coesão e reparações marcam Dia de Portugal

FUTURO Com promessas de acertos nas assimetrias territoriais, Presidente da República, Governo e partidos juntaram-se ao apelo do bombeiro Rui Rosinha, vítima dos incêndios de 2017, que quer "um compromisso sério" e não "medidas em papel sem concretização efetiva". Ainda houve margem para críticas sobre o que não foi feito depois dos incêndios.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO** FOTOS **PAULO NOVAIS/LUSA**

Pedrógão Grande foi o centro das atenções no Dia de Portugal, Camões e das Comunidades Portuguesas, por tudo o que nunca será esquecido. A cerimónia, marcada pelo local, levou a que a exaltação patriótica dos feitos dos portugueses tivesse ontem andada de mãos dadas com o poeta quinhentista e com a evocação das vítimas dos incêndios de 2017 que afetaram aquela região. "Tragédias como as de 2017 nunca mais. Futuro mais igual e menos discriminatório para todas as terras, e para todos os portugueses, dever de missão, lugar para a esperança, a confiança, e o sonho, sempre, mesmo nos instantes mais sofridos da nossa vida coletiva", propôs Marcelo Rebelo de Sousa no seu discurso, afinado com Rui Rosinha, o bombeiro de 46 anos que em 2017 ficou ferido no combate ao fogo. Sublinhado, foi a necessidade de haver uma "séria e verdadeira coesão territorial, social e estrutural, e não apenas medidas em papel sem concretização efetiva", vincou o bombeiro.

A intervenção de Marcelo no seu local eleito para a comemoração do Dia de Portugal foi uma descrição da sua ideia do que é ser português, sem omitir referências às reparações históricas por si defendidas e que têm gerado aceso debate.

"Éramos poucos e aportámos a todos os continentes. Acertámos e falhámos, e assumimo-nos como somos, sem complexos na confissão dos erros, mas orgulhosos do mais que nos fez ser o que temos de ser", disse o Chefe de Estado numa alusão ao passado colonial.

Mas, nas palavras de Marcelo, que também assumiram a forma de exaltação patriótica, ainda há denominadores comuns do que é ser português. "Desengane-se quem olha para nós, cá dentro e lá fora, e pensa que nós cedemos ao primeiro contratempo, que nós vacilamos à primeira provocação, que nós hesitamos à primeira contrariedade que nós, que nós baqueamos à primeira tragédia", afirmou, sem esquecer o orgulho na diáspora portuguesa "nas Europas, nas Áfricas, nas Américas, nas Ásias, nos Pacíficos", já assumido noutras intervenções. E, neste contexto, ainda houve margem para que o Presidente lembrasse que este dia "evoca o passado, mas quer sobretudo dizer futuro, reconstrução, novos jovens, novos residentes, nacionais e estrangeiros, novos sonhos".

No que diz respeito à evocação de Camões, associada ao seu quinto centenário, que se comemora este ano, o Presidente da República lembrou o poeta "que foi combatente, como tantos dos nossos, século após século, indomável, mas também rufião, conviva do povo mais povo e ao mesmo tempo letrado".

A tragédia e a igualdade

Pedrógão Grande foi o palco dos discursos deste 10 de Junho, mas Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pera foram os outros dois concelhos escolhidos por Marcelo para evocar o Dia de Portugal, por, no conjunto dos três, serem os mais afetados pelos incêndios de 2017, que fizeram 66 mortos e 253 feridos.

Aos olhos de Marcelo, estes concelhos são um exemplo de resiliência e recuperação, tal como o país onde estão. "Portugal é assim aqui em Pedrógão Grande, em Castanheira de Pera, em Figueiró dos Vi-



nhos. Mas também em Leiria, em Coimbra, e mais as dezenas de concelhos devastados em 2017, e renascidos e a quererem renascer, sem autocompaixões, com exigência, com coragem, com ambição", destacou.

Convidado por Marcelo para discursar no Dia de Portugal, Rui Rosinha, que em 2017 era chefe de uma viatura dos Bombeiros Voluntários de Castanheira de Pera, pediu um "compromisso sério com estes territórios de baixa densidade": Uma "séria e verdadeira coesão territorial, social e estrutural, e não apenas medidas em papel sem concretização efetiva".

Para o bombeiro, que discursou numa cadeira de rodas, na sequência dos ferimentos que sofreu em 2017 e que o levaram a uma hospitalização prolongada, com três meses de coma induzida, há cicatrizes "profundas e irreparáveis", mas há a recuperação.

"A tragédia expôs muitas das nossas vulnerabilidades, mas também destacou a nossa união e resiliência como nação", disse, acrescentando que "a região afetada mostrou ao mundo a força da solidariedade portuguesa", ainda que, nas suas palavras "pouco" tenha chegado ao território, para além da burocracia ser "pesada e demorada".

O apelo do bombeiro passou por, perante o Presidente da República, o primeiro-ministro, Luís Montenegro, o presidente da Assembleia da República, José Pedro Aguiar-Branco, e representantes dos partidos, pedir investimento "em atividades





1. Marcelo Rebelo de Sousa passa revista aos militares dos três ramos das Forças Armadas. 2. Rui Rosinha antes do discurso do Dia de Portugal. 3. As principais figuras do Estado durante o desfile das forças militares. 4. Luís Montenegro, ao centro, no final da cerimónia.

económicas sustentáveis que garantam um futuro próspero e, principalmente, digno para os habitantes da região".

Depois de revelar a falta de médicos e carências de transportes públicos, problemas no acesso à região, limitações nas ofertas de emprego e na educação, Rui Rosinha destacou a resiliência das pessoas que insistem em viver naqueles concelhos.

"Apesar de todos estes problemas e dificuldades que poderiam, facilmente, nos levar a desistir e abandonar esta região, continuamos aqui, resistindo estoicamente e com grande determinação para transformar este território, tornando-o mais atraente, justo, seguro e, sobretudo, coeso", continuou.

"Que todos os portugueses, tanto os que vivem em Portugal quanto os da diáspora, aprendam com o passado, se unam no presente e trabalhem juntos por um futuro onde a segurança, a prosperidade e o bem-estar sejam uma realidade para todos", sugeriu, antes de terminar com a mesma receita seguida por Marcelo: "Viva Portugal!"

Coesão e críticas

Luís Montenegro fez suas as palavras de Rui Rosinha, em declarações aos jornalistas no final da cerimónia. "O objetivo de termos um país coeso do ponto de vista social e territorial e é uma prioridade", disse, acrescentando que, sempre que visitou a região afetada pelos incêndios sentiu "que nem todas as expectativas foram cumpridas", garantindo, porém, que o Governo tentará "fazê-lo, agora, nos próximos anos".

Por outro lado, o secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, questionado sobre se o PS é responsável pelas desigualdades regionais, contrapôs que "os maiores investimentos no interior de Portugal foram feitos por governos do PS".

"Há muito para fazer por este território do país, que não pode ficar sempre para depois. Temos de continuar a identificar os bloqueios e os problemas, desatando os nós", assumiu.

A navegar a onda de coesão lembrada tanto pelo Chefe de Estado como pelo primeiro-ministro e por Rui Rosinha, também o líder da IL, Rui Rocha, aos jornalistas, defendeu que deve haver "reparações aos portugueses que têm queixas de Portugal".

"Esse é o país que precisamos de construir. Estamos perante um problema de falta de vontade política ao longo destes últimos anos", criticou.

Do mesmo modo, o líder parlamentar do Chega, Pedro Pinto, alertou para o esquecimento do interior, repetiu ideias de Rui Rosinha, com críticas aos políticos que "têm tido muitas palavras para o interior, mas poucos atos" e elogiou o "discurso bom" de Marcelo, "curto, mas muito virado para dentro do país", que considerou ser "fundamental".

vitor.cordeiro@dn.pt

"Éramos poucos e aportámos a todos os continentes. Acertámos e falhámos, e assumimo-nos como somos, sem complexos na confissão dos erros, mas orgulhosos do mais que nos fez ser o que temos de ser."

Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República

"O objetivo de termos um país coeso do ponto de vista social e territorial e é uma prioridade e é uma prioridade garantir que todos os portugueses têm as mesmas oportunidades."

Luís Montenegro
Primeiro-ministro

"Há muito para fazer por este território do país, que não pode ficar sempre para depois. Temos de continuar a identificar os bloqueios e os problemas, desatando os nós."

Pedro Nuno Santos
Secretário-geral do PS

"Apesar de todos estes problemas e dificuldades que poderiam, facilmente, nos levar a desistir e abandonar esta região, continuamos aqui, resistindo estoicamente."

Rui Rosinha
Ex-bombeiro



Opinião
António José Rodrigues

Abril Sempre. A propósito do 25 de Novembro

Os acontecimentos do 25 de Novembro de 1975 são o corolário de um longo período de instabilidade e das várias tentativas de estancar a Revolução de Abril e as suas conquistas. Aliás, são os "herdeiros" dessas acções contra-revolucionárias que hoje clamam pela celebração do 25 de Novembro, procurando ofuscar os 50 anos do 25 de Abril, ao mesmo tempo que reclamam a subversão da Constituição da República, aprovada e promulgada em Abril de 1976, apesar do 25 de Novembro, visando apagar princípios e valores que ela encerra, apesar de sucessivas revisões, e atentar contra o regime democrático e os direitos progressistas nela inscritos. Os que viram defraudados os seus objectivos de no 25 de Novembro liquidar a liberdade e a democracia, procuram hoje o que então não conseguiram.

O 25 de Novembro, retrata um longo processo que seguiu a lógica e objectivos das várias tentativas e acções contra-revolucionárias como o golpe Palma Carlos, o 28 de Setembro e o 11 de Março, visando controlar, conter e, em certos casos, inverter o processo de democratização e descolonização encetados com a Revolução de 25 de Abril. Acções e golpes, que os seus autores e cúmplices procuraram justificar como sendo respostas a tentativas ou golpes das forças democráticas mais consequentes, nomeadamente dos comunistas.

O 25 de Novembro de 1975 surgiu na sequência, por um lado, do chamado "verão quente", marcado pela divisão no campo democrático e por uma intensa acção violenta e terrorista das forças mais reaccionárias dirigidas contra partidos, sindicatos e personalidades da esquerda. Por outro, da queda do V Governo Provisório e do afastamento do general Vasco Gonçalves dos cargos e das estruturas superiores das Forças Armadas e do Movimento das Forças Armadas.

O "verão quente" de 1975 foi um período caracterizado por uma profunda crise político-militar, com graves repercussões no plano económico e social e que, no essencial, marcou uma intensa actividade das forças reaccionárias face à derrota dos golpistas, em 11 de Março, cuja consequência imediata se traduziu na tomada de importantes decisões, nomeadamente a institucionalização do MFA e as transformações que se operaram no plano político, económico, social e na liquidação dos grupos monopolistas, suportes e beneficiários da ditadura.

Foi neste quadro que se desenvolveu um vasto conjunto de acções contra-revolucionárias, recorrendo ao terrorismo, procurando semear a intranquilidade, isolar as forças de esquerda, desestabilizar a situação política e pôr em causa a democracia. Uma acção terrorista que atingiu sobretudo o PCP e os sindicatos, através de assaltos, pilhagens, atentados, agressões mesmo mortes.

O 25 de Novembro, ao contrário do afirmado por muitos dos seus protagonistas não foi um golpe promovido pelo PCP, pela Esquerda militar ou pela "ala gonçalvista" do MFA, mas sim um golpe militar contra-revolucionário, fruto de uma cuidada e longa preparação, no quadro de um tumultuoso processo de rearrumação de forças no plano político-militar.

Aos nostálgicos que viram gorados em Novembro de 1975 os seus projectos liquidacionistas da democracia e agora o evocam, a resposta está dada pela imensa participação popular nas comemorações dos 50 anos da Revolução de Abril.

Membro do Grupo de Estudos do PCP para a Defesa Nacional

CDS quer Parlamento a comemorar o dia "que é mais do que uma data"

25 DE NOVEMBRO Centristas querem uma sessão na Assembleia da República semelhante à do 25 de Abril para marcar o dia que pôs fim ao PREC. Sentidos de voto não são conhecidos, mas a direita deverá viabilizar a proposta.


Uma das chaimites dos comandos ao fundo da calçada da Ajuda, junto ao Palácio de Belém, no dia 25 de novembro.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

A intenção é que, anualmente, se celebre o dia 25 de novembro de 1975, com uma sessão solene no Parlamento. O pedido é feito pelo CDS-PP, que marcou para hoje um agendamento potestativo sobre o tema. Esse dia, dizem os centristas, é "mais do que uma data numa cronologia", é o "momento decisivo em que a mudança segue", de forma irreversível, "para uma democracia liberal de modelo ocidental". Por isso, os deputados Paulo Núncio e João Almeida não querem deixar o dia continuar a passar despercebido. Afinal, argumentam no projeto de deliberação entregue no Parlamento, "o processo democrático em Portugal", iniciado no 25 de Abril, "apenas conseguiu encontrar a sua normalidade e a evolução para o sistema que vigora atualmente" após o 25 de novembro.

Apesar de o assunto só hoje ir a plenário, esta intenção já tinha sido anunciada pelo líder do CDS-PP (e ministro da Defesa Nacional), Nuno Melo. No final do 31.º congresso do partido, em Viseu, o dirigente anunciava que o Governo vai criar uma comissão para estas comemorações – uma cerimónia, que quer "plural e justa, feita de militares e civis". Além disso, lembrou, o CDS celebra a data "todos os anos" e, com isso, tornou-se um traço "quase identitário" para os centristas.

Desfecho é incerto. Mas direita deve aprovar a ideia

O sentido de voto dos partidos não é, para já, conhecido. Mas declarações e posições passadas sobre o tema podem dar uma indicação sobre o desfecho desta proposta do CDS.

A 28 de março deste ano (ou seja, ainda sem o Governo em funções), a Iniciativa Liberal, na conferência de líderes parlamentares, sugeriu que a celebração do 25 de novembro devia ser incluída "nas comemorações do cinquentenário do 25 de Abril" (ou seja, em moldes diferentes dos agora propostos). O Chega concordou com a ideia, tal como o CDS. O deputado Paulo Núncio reiterou o interesse dos centristas em celebrar a data "com dignidade" em sede parlamentar.

À esquerda, PCP e BE defenderam, respetivamente, que "o que interessa é comemorar o 25 de Abril" e que as duas datas "não são comparáveis". Pelo PS, o deputado Pedro Delgado Alves recordou que celebrar a data "não tinha reunido consenso" e que o calendário das comemorações dos 50 anos de Abril "estava definido". No entanto, "revisitar a questão" noutro momento ou contexto é algo que os socialistas assumem.

O PSD esteve também na reunião, mas a súmula da conferência disponível no *site* do Parlamento não refere qual a posição dos sociais-democratas sobre o assunto. No entanto, podem ser retiradas algumas pistas. O partido de Luís Montenegro marcou "não por acaso" um congresso estatutário para essa data, em 2023. E, em Lisboa, a autarquia decidiu, por iniciativa própria, assinalar a data – isto apesar de ter sido aprovado um voto de condenação à ideia.

Com Carlos Moedas a argumentar que só nessa data "se completou verdadeiramente" o 25 de Abril, a câmara de Lisboa organizou uma série de iniciativas, desde uma deposição de uma coroa de flores em homenagem a dois militares que morreram nesse dia, bem como, por exemplo, uma conferência que levou o socialista Álvaro Beleza e o comentador José Miguel Júdice a discutirem o tema. Estas iniciativas, justificava a autarquia, aconteceram porque há a "obrigação ética e social de não esquecer estas datas".

O que aconteceu neste dia?

O 25 de novembro de 1975 é o golpe militar que põe fim ao Processo Revolucionário em Curso (PREC), após o Verão Quente desse ano, onde ficaram patentes as fraturas no centro do Conselho da Revolução e do Movimento das Forças Armadas.



ARQUIVO DN/ ANTÓNIO AGUIAR

Vários investigadores concordam que o 25 de novembro marcou o fim do PREC. E quer Irene Flunser Pimentel, quer António Costa Pinto relembram: não teve na sua origem um golpe do PCP, nem foi uma tentativa de eliminar os comunistas.

Maria Inácia Rezola, historiadora e comissária para a organização dos 50 Anos do 25 de Abril, explicava em entrevista ao DN publicada a 25 de novembro de 2021: "Quando se discutiu o programa económico e social, o chamado plano Melo Antunes, a assembleia do MFA e os chamados setores gonçalvistas opuseram-se-lhe. Apesar de prever nacionalizações, achavam que era um programa social-democrata, uma coisa muito mal vista à época."

E a partir do Verão Quente, surgem então "diferentes propostas políticas, de diferentes programas políticos, que iriam definir o futuro do país". Neste jogo, "os chamados setores gonçalvistas, ainda aliados aos chamados setores otelistas" avançam com o documento Guia da Aliança Povo-MFA, onde, entre outras medidas, haveria uma "abolição da Assembleia Constituinte e dos partidos do sistema político".

Essa deriva leva a que o chamado Grupo dos Nove (liderado por Melo Antunes, de tendência mais moderada) apresente um documento próprio. Com isso, há várias tensões aqui e ali e, a 25 de novembro de 1975, acaba por haver uma movimentação militar e o Grupo dos Nove encarrega Ramalho Eanes de impedir uma tentativa de golpe das fações militares mais radicais, fossem gonçalvistas ou otelistas. Ou seja: foi uma cisão entre setores de esquerda.

Para Ramalho Eanes não faz sentido "estigmatizar" o 25 de novembro de 1975. Afinal, foi "a continuação do 25 de abril", esse "esquecimento não ajuda a democracia" e "a história não se apaga".

A historiadora Irene Flunser Pimentel, em declarações ao DN, foi na mesma linha: o 25 de novembro marcou o princípio do fim do PREC, veio "na sequência do 25 de abril e a data não deve ser esquecida". Pelo contrário, dizia então: "Deve continuar a ser aprofundada." Numa mesa redonda sobre a data, organizada pela comissão comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril, a historiadora afirmou ainda que a data "não foi um golpe de Estado PCP" nem uma contrarrevolução para o eliminar.

Em 2022, numa conferência sobre o 25 de abril, o politólogo António Costa Pinto, sublinhou que o golpe "foi efetivamente feito pelas forças democráticas moderadas", e "não representa sequer uma vitória da direita radical nem uma restauração de memória mais positiva do salazarismo". E concorda com Irene Flunser Pimentel: dizer que "o 25 de novembro foi uma tentativa do PCP para tomar o poder não é verdade".



Opinião
Paulo Núncio

Celebrar a liberdade e a democracia

Celebrar o 25 de abril, não esquecendo o 25 de novembro, é uma questão de memória histórica e de sentido de gratidão. Enquanto partido fundador do regime democrático, o CDS cumpre a sua obrigação histórica de propor e liderar a comemoração anual do 25 de novembro na casa da democracia em Portugal.

E ao aprovar esta proposta, o Parlamento prestará um serviço inestimável aos princípios universais da liberdade, da democracia e do pluralismo político em Portugal.

Devemos celebrar e não esquecer o 25 de novembro. As transições democráticas são arriscadas e muitas vezes fracassaram nos mais variados pontos do mundo. Felizmente em Portugal a transição democrática foi bem sucedida. E devemos ao 25 de novembro o sucesso dessa transição e a consolidação da democracia portuguesa.

Por isso, esta data marcante da nossa história tem de ser celebrada e comemorada e não omitida ou esquecida como aconteceu nos últimos 49 anos. Depois de comemorarmos os 50 anos do 25 de abril, temos a obrigação de mostrar às novas gerações que só com novembro a democracia e a liberdade saíram definitivamente vencedoras em Portugal.

Porque antes do 25 de novembro, a democracia e a liberdade estavam sob ataque, um ataque feroz e frontal a todos os valores essenciais de um estado de direito, livre, democrático e europeu. Ataque à liberdade de consciência, com a prisão de presos políticos. Ataque à liberdade de imprensa com a expulsão e saneamento de jornalistas das redações dos jornais por delito de opinião. Ataque à liberdade económica, com as nacionalizações e as ocupações selvagens. Ataque à liberdade partidária, com vários partidos ilegalizados, congressos cercados e sedes vandalizadas, como aconteceu com o meu partido, o CDS. Ataque à liberdade parlamentar, com o cerco à assembleia constituinte e o sequestro dos deputados legitimamente eleitos. E por fim, ataque à própria liberdade democrática e à transição pacífica, com o país à beira da guerra civil.

Temos obrigação de celebrar novembro para garantir que a história de Portugal é respeitada e celebrada condignamente. Mas temos sobretudo a obrigação de celebrar novembro para que a liberdade de consciência, a liberdade de imprensa, a liberdade económica, a liberdade política, a liberdade parlamentar e a liberdade democrática nunca mais possam ser postas em causa.

49 anos depois, temos obrigação de dizer aos nossos jovens, no Parlamento, na sociedade civil e nas escolas que foi o 25 de novembro que impediu que Portugal caísse novamente numa deriva totalitária. Que foi o 25 de novembro que permitiu que Portugal seja hoje uma democracia ocidental consolidada, com liberdade de expressão, pluralismo partidário e eleições livres. E que foi o 25 de novembro que permitiu que Portugal aderisse à União Europeia e seja hoje um dos Estados comprometidos com este projeto de paz, desenvolvimento e prosperidade das nações europeias.

Novembro é a continuação de abril. Abril não está completo sem novembro. Separar as duas datas é um erro histórico que tem que ser corrigido. É este o desígnio último da proposta que o CDS traz hoje ao Parlamento.

Com a comemoração anual do 25 de novembro, em sessão solene na casa da democracia, estaremos a corrigir este erro cometido no passado. E a renovar as bases e a força da nossa democracia, num tempo em que a democracia está outra vez sob ataque dos totalitarismos.

Líder parlamentar do CDS

PUB

100% ÚTIL
Men'sHealth
MANTENHA-SE EM FORMA!



ASSINE A MEN'S HEALTH
PAPEL+DIGITAL
POR APENAS ~~43,20€~~
29,90 € / 12 EDIÇÕES

LIGUE 219249999



A ASSINATURA INCLUI A VERSÃO IMPRESSA E A VERSÃO DIGITAL. VALORES COM IVA INCLUÍDO.
CAMPANHA VÁLIDA PARA PORTUGAL ATÉ 30 DE JUNHO DE 2024, NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS EM VIGOR.
VALOR DA ASSINATURA NÃO REEMBOLSÁVEL. PARA MAIS INFORMAÇÕES: ASSINATURAS.QUIOSQUEGM.PT | APOIOCLIENTE@NOTICIASDIRECT.PT | 219249999 (DIAS ÚTEIS DAS 8H00 ÀS 18H00 - CHAMADA PARA A REDE FIXA NACIONAL).

 menshealthportugal  @menshealthportugal

menshealth.pt

Madeira. Chega vota contra Programa de Governo

O Chega/Madeira anunciou ontem que vai votar contra o programa do Governo Regional do PSD, partido sem maioria absoluta no parlamento madeirense, reiterando que o presidente do executivo, Miguel Albuquerque, não tem condições para estar no cargo. "Miguel Albuquerque não tem condições políticas, nem éticas, para liderar o governo da Região Autónoma. É arguido num processo judicial que o implica em redes tentaculares de influência e jogos de interesses, que não podem existir na governação, nem, muito menos, serem premiadas com o silêncio ou com a complacência parlamentar", afirma o presidente do Chega/Madeira e líder parlamentar, Miguel Castro, em nota enviada às redações.

O partido "rejeita quaisquer responsabilidades nos cenários que possam advir de um eventual chumbo do Programa de Governo", defendendo que a culpa é do "PSD/Madeira por insistir num candidato que já sabia não recolher o apoio da maioria dos partidos com representação parlamentar". "Se houver instabilidade a culpa é totalmente do PSD, que insistiu num arguido como presidente. Sabem, há muito tempo, que o Chega não apoia Albuquerque, pois é isso que andamos a dizer há meses. Não venham agora pedir ao Chega que abdique da sua palavra só para que o PSD possa manter tudo como está e continuar a alimentar as redes de compadrio que asfixiam a Madeira", reforça Miguel Castro.

O líder da estrutura regional do partido, que viabilizou a eleição do presidente da Assembleia Legislativa da Madeira, José Manuel Rodrigues (CDS-PP), que só foi eleito à terceira, refere ainda que o voto contra o Programa de Governo "nada tem a ver" com essa votação. Miguel Castro explica que o Chega viabilizou a eleição do presidente do parlamento "por se tratar de um candidato de um partido de direita" e que a luta do seu partido "não é contra a direita, mas contra a corrupção".

O PSD venceu as regionais antecipadas, em 26 de maio, com a eleição de 19 deputados, ficando a cinco mandatos de conseguir a maioria absoluta. O PS elegeu onze, o JPP nove, o Chega quatro e o CDS-PP dois, enquanto a IL e o PAN elegeram um deputado cada. O PSD firmou um acordo parlamentar com os centristas após as eleições, ficando ainda assim aquém da maioria absoluta. **DN/LUSA**



Opinião
Bernardo Ivo Cruz

É a falar que a gente (não) se entende

Há uns anos, uma pessoa conhecida pela sua capacidade de trabalho e respeitada pela sua inteligência invulgar começou um trabalho novo, e logo na primeira semana recebeu um documento cheio de siglas e referencias que só fariam sentido por quem estivesse por dentro do assunto. Depois de ler o texto várias vezes, escreveu "NPN", assinou, devolveu o papel à procedência e esperou.

Pouco tempo depois, o autor do documento bateu à porta e pediu ajuda para decifrar o misterioso "NPN", que significava simplesmente "Não Percebi Nada".

Também o Banco de Inglaterra percebeu que a forma como os comunicados e informações para o público eram escritos resultava que poucos seriam capazes de os perceber e decidiu simplificar a linguagem, sem pôr em causa a qualidade do conteúdo. Passados uns meses, o Banco resolveu testar a eficácia da nova mensagem e concluiu que, mesmo depois de todo o esforço de simplificação, só quem tivesse passado 13 anos ou mais no sistema de ensino formal britânico seria capaz de entender o que o estava escrito nos comunicados "mais claros".

Finalmente, durante a pandemia, a Revista *Nature* – uma das mais prestigiadas revistas científicas do mundo – publicou um estudo que dizia que os grupos nas redes sociais que negavam a ciência e defendiam que as vacinas não têm utilidade nenhuma eram muito mais eficazes a comunicarem com o público do que os cientistas e médicos que diziam, numa linguagem técnica, hermética e obscura, que sem vacinas, as pandemias seriam muito piores e muito mais numerosas do que aquela que vivemos.

Vem tudo isto a propósito do recente discurso de tomada de posse de João Cura Mariano, o novo Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, que reclamou o fim do que ele apelidou de "linguagem barroca" utilizada pelas magistraturas no nosso país.

Siglas complicadas, definições complexas, referencias obscuras, multiplicação de regras, regulamentos e procedimentos aparentemente inúteis ou improdutivos são comuns em todas as profissões e todas as organizações. E todos nós já passamos pela aflição de não entendermos a linguagem usada em determinados contextos e, quem sabe, sermos olhados de lado pelos "iniciados".

É claro que o rigor na linguagem e a precisão dos conceitos é importante e muitas são as situações onde cada palavra e cada expressão tem um significado definido. E muitos são também os momentos onde todas as pessoas presentes partilham e compreendem uma linguagem comum, pelo que um esforço de simplificação é não só inútil mas contraproducente.

À medida que as nossas realidades vão-se tornando cada vez mais complexas e as opções que temos que tomar mais difíceis, a tendência para complicar a comunicação parece crescer. Mas se queremos falar para lá dos muros do nosso pequeno mundo, convém que tenhamos em atenção quem queremos que nos oiça.

A nossa sociedade, os nossos trabalhos ou as nossas famílias funcionam com base na comunicação e cada vez mais, todos somos obrigados a comunicar ideias, propostas ou instruções a públicos que não dominam alguns conceitos. Se não nos fazemos entender, como é que esperamos que nos entendam? As nossas democracias dependem da capacidade de cada pessoa olhar para a realidade que a cerca, compreender as opções que tem, distinguir umas das outras e escolher o que entende ser a melhor solução. Mas, para que isso aconteça, a linguagem deve ser um mecanismo de participação e não uma forma de exclusão.

Professor Convidado IEP/UCP

Mais de 40 organizações lembraram morte de Alcindo Monteiro e outras vítimas de racismo

MANIFESTAÇÃO Movimento foi organizado em Lisboa e recuperou a memória de Alcindo Monteiro, assassinado em 1995, mas não só. Outras vítimas, mortas por motivação racista, também foram homenageadas.

TEXTO **AMANDA LIMA** FOTOS **LEONARDO NEGRÃO/GLOBAL IMAGENS**

"Hoje é um dia de memória, mas também um dia de luta antirracista". Assim foi definida a marcha que saiu na manhã de ontem da rua Garret, em Lisboa, onde há 29 anos o cidadão cabo-verdiano Alcindo Monteiro foi brutalmente assassinado à pancada por neonazis. Mais de 40 associações participaram na manifestação, que reuniu cerca de uma centena de pessoas.

Embalados por dois grupos de batuque, o Baque do Tejo e Ritmos da Resistência, os participantes saíram da rua Garret e subiram até o Largo do Carmo, sob olhares curiosos e telemóveis dos turistas. Nas faixas lia-se "Unidos contra o racismo e a xenofobia, 10 de junho", "Contra o racismo", "Respeito não tem cor, tem consciência" e "Alcindo, presente".

Além dos cartazes, a memória de Alcindo foi lembrada das mais diversas formas: com estampas em t-shirts, sacos de pano e faixas. Mas Alcindo não foi a única vítima em Portugal, nem a única a ser lembrada. Foram mostradas placas com os nomes de todas as pessoas mortas por racismo no país nos últimos anos, além da idade que tinham e local do assassinato.

Um deles foi José Carlos Vicente, conhecido por "Teti", de 16 anos, agredido pela polícia no bairro 6 de maio, na Amadora. Ao lado de cada nome, estava também o símbolo que representava a arma usada nos crimes: taco de baseball, disparo de arma de fogo e cassetete policial, por exemplo.

Os gritos de ordem são já conhecidos de outros protestos. "Contra a discriminação, cumprir a Constituição", "Racismo em Portugal, vergonha nacional", "Xenofobia em Portugal, herança colonial", "25 de Abril sempre, fascismo nunca mais" e "Contra a precariedade, lutemos todos por igualdade". No Largo do Carmo, os participantes reuniram-se em círculo, com os nomes das vítimas no meio.

Os representantes das organizações presentes lembraram a relação do racismo com a história e a desigualdade social. Os imigrantes também foram recordados. Flávio Almada, que representa o movimento Vida Justa, pediu mais agilidade na tramitação dos processos dos imigrantes em Portugal. "Não podemos mais esperar até amanhã, tem de ser já hoje", afirmou.





Palavras de ordem e faixas e com frases antirracistas marcaram a manifestação pela memória das vítimas de racismo em Portugal.

Ao DN, Flávio Almada avalia que a participação na manifestação foi boa, mas que esperava mais. "É preciso mais, é preciso mais. Para aquilo que se pretende, é preciso bem mais, mais envolvimento e participação das pessoas. Porque nós somos responsáveis quando agimos e quando não agimos. Então, se uma grande força da sociedade não está aqui isso também é sintomático", reflete. Ao mesmo tempo, lembra que parte das pessoas estão a trabalhar, mesmo no feriado. "A vida dos trabalhadores é dura", complementa.

> Dia de Portugal foi marcado por dois eventos diferentes: do 1143, pela expulsão dos imigrantes, e o da luta antirracista.

De acordo com o ativista, a celebração deste ano é ainda mais importante, diante dos casos de racismo e xenofobia em Portugal. Em 2023, as forças de segurança registaram mais de 300 queixas por discurso de ódio. Na opinião de Flávio Almada, o dia 10 de junho "precisa ser visto como dia da luta antirracista", porque as demais celebrações, especialmente o chamado dia da raça, evocam o Estado Novo.

Do outro lado da cidade, o dia da raça

Enquanto se marchava para lembrar Alcindo Monteiro e outras vítimas, e também para reinvidicar a luta antirracista, outro ato em Lisboa promovia o contrário. O grupo 1143 realizou um convívio nacionalista num parque em Loures, com a participação de membros de todo o país. O evento estava a ser organizado há meses.

Na faixa principal do local lia-se "Remigração, grupo 1143". A remigração significa deportação em massa de imigrantes e os defensores acreditam que é uma "estratégia" usar uma palavra *soft* para defender a causa. Nas últimas semanas, os membros do 1143 têm vindo a comemorar o facto de alguns membros do partido Chega já estarem a falar deste tema.

Os participantes divulgaram fotos da concentração para o evento, com vários membros a fazer a saudação nazi, apesar de publicamente rejeitarem relação com o nazismo. Mário Machado, líder do 1143, não participou nas agressões a Alcindo Monteiro, tendo sido punido por agredir outros cidadãos africanos na mesma noite.

Mesmo assim, as bandeiras do 1143, criado há poucos meses e já com centenas de membros, podem ser vistas no acórdão que condenou *skinheads* pela morte de Alcindo. "A vertente racista está sempre presente. Apelam à superioridade da raça branca considerando a raça negra como raça inferior. Em termos gerais, de acordo com uma política a que chamam racialismo, não admitem a mistura de raças; são contra a imigração para Portugal", lê-se no documento, já publicado pelo DN.

amanada.lima@globalmediagroup.pt

Portuguesa vai tentar escalar pico K2 no Paquistão

Maria Conceição, a primeira mulher portuguesa a subir ao cume do monte Evereste, vai tentar escalar o pico K2, no Paquistão, para angariar fundos para um lar de idosos em Torres Vedras. A portuguesa radicada nos Emirados Árabes Unidos, que tem 10 recordes registados no Guinness World Records, tem previsto iniciar a expedição de dois meses no domingo, dia 16 de junho. O K2, com 8614 metros, é a segunda montanha mais alta do mundo, depois do Evereste (8848 metros) e uma das mais difíceis e arriscadas. João Garcia foi um dos poucos alpinistas portugueses que conquistou o K2, em 2007.

Nascida em Angola, Maria Conceição cresceu em Vila Franca de Xira, mas está radicada no Dubai desde 2003, onde foi assistente de bordo. Em 2005, começou a ajudar crianças de origens pobres do Bangladesh, o que a levou a fazer vários desafios físicos para angariar fundos, como a subida ao Evereste em 2013. Bateu vários recordes mundiais enquanto completou numerosas maratonas, ultramaratonas e triatlos, alcançou o Polo Norte em 2011 e em 2018 chegou ao Polo Sul, feito inédito na altura para uma mulher portuguesa.

Nos últimos anos, dedicou-se a fazer palestras e sessões de motivação para angariar donativos para as suas ações filantrópicas, durante as quais estima já ter ajudado mais de 600 crianças e jovens.

Para apoiar a expedição ao K2, lançou um apelo à doação de fundos para o Lar Nossa Senhora da Luz, na freguesia de A dos Cunhados, município de Torres Vedras, onde a mãe residiu durante 17 anos. "A minha mãe teve uma vida muito difícil, por isso sinto-me aliviada por ela ter passado os últimos anos da sua vida a ser cuidada. Sempre que a visitei, ela parecia estar em casa, tão feliz quanto possível", explicou à Lusa.

DN/LUSA



Opinião
Fernanda Câncio

As manhas que nos trouxeram aqui

Nunca, confesso, comprei a conversa, que ouvi à época de muita gente à esquerda, de que a vitória de Trump em 2016, como o Brexit no mesmo ano, se devia ao "abandono" de que um segmento da população - o mais deprimido social e economicamente - sentia, com justeza, ter sido alvo por parte dos partidos de centro-esquerda e de esquerda, e àquilo que se deu o nome irritantíssimo de "agenda fracturante".

A ideia era de que a esquerda se desinteressara da "luta de classes", de pugnar por melhor vida para esse segmento da população, e passara a militar sobretudo no antirracismo, nos direitos das chamadas "minorias sexuais" e nos direitos das mulheres, e os chamados "*white trash*", os brancos pobres, se haviam passado, com armas e bagagens, para o outro lado.

Essa teoria aguentou-se por algum tempo, em grande parte por se fundar na análise do ocorrido nos EUA, um país no qual na verdade não existe propriamente "esquerda" e em relação ao qual a esquerda europeia se sentia particularmente à vontade (até pela tradicional diabolização desse "Império do Mal") para acusar o partido democrata de não cuidar de uma parte do seu eleitorado tradicional. E por dizer também respeito ao Reino Unido, fustigado por anos e anos de governação de direita e, como o resto do mundo, pela crise económico-financeira iniciada em 2007. Tratava-se pois em ambos os casos da "revolta" dos pobres, que, frustrados e ressentidos, seguiam o primeiro demagogo que lhes fizesse crer que em votando nele, ou no que defendia, tudo ficaria bem "de novo".

Claro que antes disso tínhamos já o crescimento continuado da extrema-direita em França - mas ainda não houvera uma vitória como nos EUA e no Reino Unido, pelo que podia manter-se a teoria por mais uns tempos.

A coisa foi mudando de figura quando a onda começou a varrer toda a Europa com cada vez mais intensidade, e finalmente chegou - como era inevitável que chegasse - a Portugal. De repente passou a ser necessário arranjar explicações não apenas para a migração de votantes dos partidos de centro e centro-esquerda, mas também para a deserção dos partidos da auto-proclamada "esquerda verdadeira". Partidos que, como o PCP, só a reboque se converteram à dita "agenda fraturante".

Foi preciso encontrar motivos para a adesão ao discurso de alguém como Ventura, cuja rampa de lançamento foi, sem qualquer disfarce, a senda do ódio racial e xenófobo, alguém que nem sequer tinha um programa de defesa dos direitos dos trabalhadores economicamente desfavorecidos - pelo contrário, o Chega lançou-se com um programa liberal-tresloucado, em que acabava com o Estado Social (entregava as escolas aos professores para as gerirem e a Saúde aos privados, segundo o princípio do utilizador-pagador) e a regulação dos contratos de trabalho e de arrendamento, e propunha acabar com o IRS e reduzir ou mesmo suprimir as prestações para a Segurança Social. Era só a total hecatombe dos pobres e até dos "remediados".

Foi então necessário admitir que talvez a chave da adesão a este tipo de partidos e discursos estivesse mesmo no ódio e na violência, na própria linguagem barrasca, na definição de "inimigos", de "outros" a quem se pudesse culpar de tudo, em quem se pudessem expiar todos os males. Que talvez a chave estivesse mesmo no racismo, na xenofobia, no machismo, na rejeição daquilo que se considera "diferente" ou "inferior", e numa ideia de perda. A perda da "segurança", a perda do "sossego", a perda de um sentimento de ascendente, de poder, de estatuto, perda devida a uma "desordem", um "perigo" que é preciso combater. É, afinal, para essa perda que remete o slogan "grande outra vez", ou "grande de novo": porque terá havido algo que se perdeu, parte de uma identidade, de uma posição, de uma pureza, de um paraíso.

Foi preciso admitir que não somos, as pessoas, incluindo as pessoas mais económica e socialmente desfavorecidas, essencialmente "boas". Que a história nos mostrou isso uma e outra vez, e nem há muito tempo: o espetáculo da maldade humana está em exibição *non-stop* em qualquer parte do mundo.

E não precisamos de pensar no Darfour ou no Iémen, na Palestina ou em Israel, na Rússia e na Ucrânia. Podemos só passar numa banca de jornais ou passear na internet e ver as capas dos tabloides; podemos só ligar a TV para um canal tabloide e apreciar como se constroem versões da realidade moldadas segundo essa ideia de que há perigos "novos" que põem em causa quem somos, o que somos, quem queremos continuar a ser - e que essa identidade, precisamente, se define por sermos contra esses perigos, essas novidades, essas desordens, essas "doenças".

Uma sondagem a eleitores de extrema-direita em seis países da Europa, perguntando o que influenciou mais o seu voto nestas europeias, demonstra que no topo (38% em média) está a maneira como o partido em causa "lida com os imigrantes e os requerentes de asilo", e que em França, Suécia, Alemanha e Espanha a percentagem desta resposta é de 40% ou mais. A obsessão com o "perigo" da imigração é claramente o principal motor da extrema-direita na Europa.

A questão é: porquê?

Há menos de duas semanas, Bárbara Reis titulava, no *Público*, a sua coluna sobre media "O *Correio da Manhã* atiça o ódio e nós assobiamos para o lado". Para exemplificar esse "atiçar de ódio" falava da cobertura do ataque a imigrantes no Porto, na madrugada de 3 para 4 de maio. Nessa cobertura, o CM apresentava o citado ataque como uma resposta/retaliação face a alegados crimes perpetrados por imigrantes contra "moradores e comerciantes". Como de costume, nada nas peças do CM consubstanciava a teoria (que, de resto, normaliza o racismo, ao "justificar" o ataque a um grupo de imigrantes com alegados crimes cometidos por outros imigrantes). Dados de queixas na polícia? Aumento dos crimes reportados em função do aumento dos imigrantes na cidade? Ora, isso seria jornalismo, e não é de jornalismo que estamos a falar.

Estamos a falar de outra coisa, como um estudo citado pelo economista Luís Aguiar-Conraria num artigo de 2019, também no *Público*, demonstra. Nesse estudo, *Tabloid Media Influence on Euroscepticism: Quasi-Experimental Evidence from England*, analisa-se o efeito de um boicote regional de décadas ao tabloide *The Sun* (há muito um veículo de eurocepticismo) que teve como efeito ser essa zona foi das poucas em Inglaterra onde o Brexit perdeu. O que é o mesmo que dizer que um tablóide como o *The Sun* teve um papel importante – senão mesmo fundamental – no sentido de voto dos britânicos.

Não temos em Portugal nenhuma maneira de comprovar o efeito que um produto como o CM, tanto na forma escrita como televisiva, teve na percepção dos seus consumidores e na adesão de uma parte dos portugueses ao populismo e à extrema-direita: não há (infelizmente) nenhuma região do país que tenha decidido boicotar os produtos da Cofina. Mas basta passar os olhos nos respetivos títulos e peças televisivas e na forma como há décadas os produtos desta empresa se esforçam por servir uma imagem de um país cravejado de crimes, inseguro, miserável e corrupto, um verdadeiro Estado falhado, para concluir sobre o efeito que necessariamente têm, sobretudo para quem só se "informa" naquele universo.

Podemos, claro, perguntar por que motivo produtos como os cofinescos têm tanto sucesso - teríamos talvez de concluir que de algum modo vão ao encontro de necessidades, ou de percepções pré-existentes. De explicações do mundo que agradam a quem os procura e aprecia. Porque são simples e simplistas e apontam culpados que podem ser odiados, não exigindo mais de quem as recebe a não ser esse ódio, essa raiva.

Foi assim, ou foi sobretudo assim, que aqui chegámos.

Jornalista

Rumo à Polinésia a bordo da jangada Kon-Tiki

CIÊNCIA VINTAGE Na década de 1940, uma expedição norueguesa demandou as águas do Pacífico. A Expedição Kon-Tiki, liderada por um sonhador geógrafo, pretendia provar a teoria de milenares viagens oceânicas rumo à Polinésia, a partir da América do Sul. A demanda contou com anúncio mundial. O documentário resultante ganharia um Óscar.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Nos 111 minutos de duração do filme *Um Americano em Paris*, os atores Gene Kelly e Leslie Caron entregam-se com energia à película estreada em 1951, um musical com os acordes saídos do génio do compositor George Gershwin. O filme, realizado por Vincente Minnelli, oferece-nos uma história de amor e intriga ambientada na capital francesa. O filme conquistou plateias dentro e fora dos Estados Unidos. Em 1952, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas entregava nas mãos da equipa e atores de *Um Americano em Paris* um total de seis óscares, entre eles o de melhor filme. Na mesma cerimónia, a 24.ª da entrega dos Óscares, subiu ao palco um excêntrico norueguês. Não obstante longe da sua terra natal, Thor Heyerdahl não era um estranho para o público norte-americano. Cinco anos antes, o aventureiro nascido em 1914, protagonizara uma história com escala noticiosa global. Heyerdahl e cinco companheiros de viagem tentaram recriar uma epopeia antiga, aquela que supostamente levara à colonização da região Polinésia por via marítima, fruto da travessia oceânica de populações da América do Sul. Hoje – e também na época – esta é uma hipótese refutada com base científica. Thor Heyerdahl não estava convencido desse facto quando, em Los Angeles, acolheu nas mãos a estatueta dourada. Kon-Tiki, um filme de 77 minutos, arrecadou em 1952 o óscar de melhor documentário de longa-metragem. Heyerdahl realizara e produzira dois anos antes a película em língua norueguesa. Também nela contracenara. O norueguês que em criança sonhava com explorações transatlânticas, depois estudara zoologia e geografia, recriava para a Sétima Arte a aventura que vivera ao longo de 111 dias nos mares turquesa do Pacífico Sul. O filme *Kon-Tiki* sucedia ao livro de 1948, publicado em diversas línguas, *The Kon-Tiki Expedition: By Raft Across the South Seas* (*A Expedição Kon-Tiki: De Jangada pelos Mares do Sul*). A Expedição Kon-Tiki, que também apadrinhou a jangada que a empreendeu, foi mais do que a intenção de provar uma teoria pseudocientífica. Inspirou uma geração de navegadores oceânicos de diferentes nacionalidades. Entre si, partilhavam o facto de se lançarem à sorte marítima em jangadas. Kon-Tiki deu mote a livros de diferentes géneros, documentários para televisão e cinema, *A Expedição Kon-Tiki: De Jangada pelos Mares do Sul* anima um museu situado em Oslo, capital norueguesa. Ali descansa a tosca embarcação que, a 28 de abril de 1947, se fez ao mar para um périplo de 6.900 Km entre a costa do Peru, na América do Sul e um recife remoto nas proximidades do atol de Raroia, na Polinésia Francesa.



A expedição Kon-Tiki Inspirou uma geração de navegadores oceânicos de diferentes nacionalidades.



Uma imagem do filme *Kon-Tiki*.

Financiada por empréstimos privados e com recurso a equipamentos doados pelo exército dos Estados Unidos, a Expedição Kon-Tiki alicerçava o sucesso da empresa na jangada construída em madeira balsa. A embarcação foi construída no Peru de acordo com ilustrações dos conquistadores espanhóis. Thor Heyerdahl e a sua equipa procuravam, tanto quanto possível, recriar as condições exatas da viagem milenar. O explorador tentava provar que uma tecnologia arcaica, como a que teria sido usada pelas populações pré-colombianas, permitiria longas travessias oceânicas. A expedição concedia algumas benesses ao presente. Sobre os nove metros de troncos de balsa, irmanados com cordas de cânhamo, viajava uma estação de radioamador, uma bateria e gerador que lhe davam suporte. Nas semanas de aventura, o rádio emitiria para estações em terra, nos Estados Unidos, Canadá e países sul-americanos. Sobre as águas do Pacífico erguia-se um mastro de nove metros de altura de madeira de mangue e uma pequena cabana de bambu. Tudo o mais dependia do engenho e conhecimento de Erik Hesselberg, navegador e artista, Bengt Danielsson, sociólogo interessado em migrações humanas, Knut Haugland e Torstein Raaby, especialistas de rádio e Herman Watzinger, engenheiro especialista em medições técnicas. Nos mais de cem dias que durou a expedição, os seis homens contaram com mil litros de água, cocos, batata-doce, frutas e raízes variadas e com a generosidade do oceano. Peixes-voadores, atuns e tubarões, entre outros, serviram a dieta regrada da tripulação.

A 28 de abril de 1947, um arrastão dirigiu a jangada Kon-Tiki até a 80 Km ao largo do litoral do Peru. Havia que evitar o tráfego costeiro. Nas semanas que se seguiram a viagem prosseguiu sem sobressaltos. A 2 de julho, Heyerdahl reportaria no diário de bordo – e mais tarde no livro que escreveu – o episódio das *Três Irmãs*. Um trio de ondas que fez perigar o bom sucesso da expedição. "Durante um turno noturno, com mar calmo, surgiu uma onda enorme, anormal na sua dimensão, seguida de mais duas ondas. A jangada foi sacudida para cima e para baixo. Ficou coberta de água". Um percalço numa viagem que prosseguia serena. A 30 de julho, a expedição aportou ao atol de Puka-Puka, nas Ilhas Cook; a 4 de agosto avistou a ilha de Angatau. A má sorte chegaria no dia 7 de agosto. Um minúsculo recife no atol de Raroia ditaria o fim da ambição da Expedição Kon-Tiki. Encalhada, inoperacional, a jangada reteria a tripulação por vários dias. Seria resgatada por uma população de uma ilha próxima. De Raroia, a reboque de uma escuna francesa, Kon-Tiki chegaria ao Taiti sem glória.

Para Thor Heyerdahl e a sua tripulação ficaria uma história para contar com contornos de epopeia marítima. Os pressupostos da expedição, controversa, não ganharam o apoio da comunidade científica. Thor acreditava que os habitantes originais da Ilha de Páscoa eram uma raça de homens de barba branca que, alegava, partira do Peru. Afirmava Heyerdahl que esta população era originária do Médio Oriente e que já havia cruzado o Atlântico rumo a novos horizontes, nas américas. Atualmente, grande parte das evidências arqueológicas, linguísticas, culturais e genéticas apoiam a origem ocidental das populações da Polinésia, provenientes do Sudeste Asiático.

Para Thor Heyerdahl, o oceano continuaria a ser um palco até à data da sua morte, em 2002. Em 1969 e 1970, construiu as embarcações de junco Ra I e Ra II, respetivamente, para se lançar da costa oeste de África rumo a Barbados, nas Caraíbas. Em terra, o explorador lançou-se em 1981, 1994, 1999 e em 2000 nas planícies do Azerbaijão, onde, acreditava haviam vivido os ancestrais dos noruegueses. Em 2012, *Kon-Tiki*, um filme norueguês, filmado em Malta, foi indicado ao Óscar de melhor filme estrangeiro. Não ganhou a estatueta. Parte da magia de Kon-Tiki perdera-se na década de 1950.

Recorde pós-1945 de países envolvidos em conflitos. Portugal continua o 7.º mais pacífico do mundo

GEOPOLÍTICA O Instituto para a Economia e a Paz divulga hoje o seu Índice Global da Paz, que revela um cenário internacional cheios de perigos, muito por culpa das guerras na Ucrânia e na Faixa de Gaza, mas também de uma variedade de conflitos espalhados um pouco por todo o mundo. A Islândia continua a ser o país mais pacífico, com Portugal a manter a sétima posição, sendo o quinto melhor entre os europeus. O Iémen substituiu neste relatório o Afeganistão no fundo da tabela.

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**


TELEGRAM / @SYNEGUBOV / AFP

Destruição em Kharkiv, cidade ucraniana sob pressão constante dos militares russos.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, que não havia tantos conflitos (56), nem tantos países envolvidos em conflitos para além das suas fronteiras (92), conclui o relatório de 2024 do Índice Global de Paz (IGP), também conhecido como Global Peace Index, que é divulgado esta terça-feira, e relativo à situação geopolítica no ano passado.

"O mundo está num ponto de inflexão e investir na paz é mais necessário do que nunca. O conflito está no nível mais alto desde o final da Segunda Guerra Mundial, com 56 conflitos a ocorrerem em todo o mundo. Temos notado nos últimos anos que os pequenos conflitos têm tendência a internacionalizar-se, com a intervenção de atores regionais e globais, e por isso duram mais tempo e geram mais vítimas. Hoje, 92 países estão envolvidos num conflito para além das suas fronteiras e esse é o número mais elevado registado desde o início do Índice Global de Paz. Esta evolução gerou 162 000 mortes em combate no ano passado, mais de 75% delas na Ucrânia ou em Gaza", explica Serge Stroobants, diretor para a Europa e o Médio Oriente e Norte de África do Instituto para a Economia e a Paz, um *think tank* internacional com sede na Austrália e responsável pelo IGP.

Acrescenta ainda o belga Stroobants que "a natureza da guerra evoluiu e os conflitos estão a tornar-se cada vez mais insolúveis. Os investimentos nas forças armadas estão a aumentar rapidamente e esta tendência irá acelerar nos próximos meses e anos. Esta é uma mudança de tendência após mais de uma década de diminuição dos investimentos. Em 2023, 108 países tornaram-se mais militarizados. Os exércitos modernos de hoje apresentam um nível de sofisticação mais elevado e com menos pessoas. Os investimentos são feitos principalmente em níveis mais elevados de desenvolvimento tecnológico de capacidades militares, como os drones, por exemplo, com um aumento de dez vezes na utilização desses drones e nas baixas que eles geram".



"Os números e tendências apresentados no Global Peace Index 2024 mostram como o contexto geopolítico é preocupante, com um aumento das ameaças externas e internas. Só é possível Portugal manter-se como um dos países mais seguros do mundo, e entre os cinco mais seguros da Europa, com uma aposta contínua em paz e resiliência..."

Filipe Domingues
Representante em Portugal do Instituto para a Economia e a Paz

O IGP, construído com base num complexo conjunto de critérios com valorações positivas e negativas, continua a colocar a Islândia como o país mais pacífico do mundo, seguida da Irlanda e da Áustria. Portugal manteve a sétima posição a nível global, quinta em termos europeus. "Os resultados de Portugal têm um significado especial, num ano em que os principais indicadores de paz e segurança internacional voltaram a cair. Os números e tendências apresentados no Global Peace Index 2024 mostram como o contexto geopolítico atual é, de fato, preocupante, com um aumento das ameaças externas e internas. Só é possível Portugal manter-se como um dos países mais seguros do mundo, e entre os cinco mais seguros da Europa, com uma aposta contínua em paz e resiliência", diz ao DN Filipe Domingues, representante em Portugal do *think tank* com sede em Sidney.

O país menos pacífico do mundo é agora o Iémen, que substituiu o Afeganistão. E o Médio Oriente e o Norte de África (conhecido pela sigla em inglês MENA) continua a ser a região menos pacífica, com quatro dos dez países que obtêm as piores classificações do IGP. E é palco de um dos grandes conflitos da atualidade, o que opõe em Gaza Israel ao Hamas, com o Estado Judaico a retaliar militarmente pelo massacre em outubro do ano passado de mais de mil israelitas e o sequestro de duas centenas, retaliação que já provocou cerca de 33 mil mortes, muitas delas civis palestinianos. Segundo o relatório do IGP, que vai na sua 18.ª edição, no ano passado registaram-se 162 mil mortes relacionadas com conflitos, com as guerras na Ucrânia e em Gaza a serem responsáveis por três quartos do total. As estimativas para as mortes em 2023 na Ucrânia são de 83 mil, o que significa que a Europa, apesar de ter sete países entre os dez mais pacíficos, é palco na parte leste do conflito mais mortífero do nosso tempo, resutado da invasão russa de fevereiro de 2022. No anterior relatório do IGP, o conflito mais mortífero acontecia no Corno de África, cem mil mortes em 2022, como relembrou Stroobants em entrevista no ano passado ao DN, em que título foi "o conflito que fez mais vítimas no ano


AFP





Tal como outras cidades da Faixa de Gaza, Jabalia tem sido alvo de constantes ataques israelitas.

AFP



Conflito no Sudão não poupa sequer a própria capital, Cartum.

passado não foi o da Ucrânia, mas sim a guerra do Tigré, na Etiópia".

"O mundo precisa de abordar conflitos menores e resolvê-los antes que tenham a oportunidade de se agravar. Em 2019, a Ucrânia, Gaza e a Etiópia ainda eram consideradas conflitos menores, gerando entre 25 e 1000 vítimas, hoje estes três conflitos estão a gerar a grande maioria das 162 mil vítimas de batalhas registadas no ano passado. Dos 56 conflitos em curso no mundo, 19 já duram há mais de uma década. Em conflitos como o da Ucrânia ou de Gaza, o sofrimento humano e a destruição têm de parar, o crescente impacto económico e financeiro tem de parar, é necessário desenvolver e assinar cessar-fogos duradouros e respeitados. A confiança, a segurança e o desenvolvimento precisam de ser restaurados através de mediação e negociações e a paz estrutural e sistémica precisa de ser construída. O próprio conceito de Paz Positiva do IEP explica e mede os efeitos positivos de tal abordagem, trazendo novas perspetivas para a paz nesses conflitos intratáveis", sublinha o diretor para a Europa e MENA do IGP.

O IGP não aborda apenas conflitos clássicos. E é relevante que o relatório de 2024 aponte a América do Norte como palco da maior deterioração regional, "impulsionada pelo aumento da criminalidade violenta". Os Estados Unidos, primeira potência militar do planeta e primeira economia mundial, surgem no IGP em 132.º E é interessante também a avaliação que é feita do impacto económico da violência, que em 2023 foi de 19,1 biliões de dólares (2380 dólares por pessoa), o equivalente a 13,5% do PIB global, o que é igual ao PIB chinês ou ao PIB somado dos 27 países da União Europeia. Ou seja, as guerras, e outro tipo de violência, causam mortes, mas também pobreza, impedindo o desenvolvimento. Hoje, destaca o IGP, 110 milhões de pessoas no mundo são refugiados ou deslocados internos.

Num contexto de degradação da paz no planeta, a mais elevada desde que o IGP surgiu em 2008, pois 97 países foram nesse sentido, há, apesar de tudo, alguns casos de progresso na tabela que mede os países mais e menos pacíficos, como são os casos de Singapura, que entrou pela primeira vez no grupo dos cinco mais, e dos Emirados Árabes Unidos, país que, apesar de ser da região MENA, subiu 31 posições, estando agora em 53.º.

Steve Killelea, o australiano presidente e fundador do Instituto para a Economia e a Paz, em jeito de síntese do relatório IGP 2024, alerta: "na última década, a tranquilidade diminuiu em nove dos dez anos. Assistimos a um número recorde de conflitos, a um aumento da militarização e a uma maior concorrência estratégica internacional. Os conflitos afetam negativamente a economia global e o risco empresarial resultante de conflitos nunca foi tão elevado, agravando as vulnerabilidades económicas globais. É imperativo que os governos e as empresas em todo o mundo intensifiquem os seus esforços para resolver os muitos conflitos menores antes que se transformem em crises maiores. Já se passaram 80 anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial e as crises atuais sublinham a urgência dos líderes mundiais se comprometerem a investir na resolução destes conflitos."

ÍNDICE GLOBAL DA PAZ

OS DEZ PAÍSES MAIS PACÍFICOS

Islândia
Irlanda
Áustria
Nova Zelândia
Singapura
Suíça
Portugal
Dinamarca
Eslovénia
Malásia

OS DEZ PAÍSES MENOS PACÍFICOS

Iémen
Sudão
Sudão do Sul
Afeganistão
Ucrânia
R. D. do Congo
Rússia
Síria
Israel
Mali


EPA/AMOS BEN GERSHOM/GPO HANDOUT

O secretário de Estado norte-americano foi recebido em Jerusalém por Netanyahu.

Blinken regressa a Israel numa missão de paz

GUERRA Hamas criticou as declarações do secretário de Estado norte-americano, acusando-o de "preconceito a favor de Israel".

TEXTO **ANA MEIRELES**

O secretário de Estado norte-americano chegou ontem a Israel para promover uma trégua em Gaza e um plano de libertação de reféns, enquanto os bombardeamentos israelitas continuavam em território palestiniano. Depois de uma escala no Egito para se encontrar com o presidente Abdel Fattah al-Sisi, Antony Blinken reuniu-se em Jerusalém com o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. Mas a atual situação política israelita e o silêncio do Hamas levantaram questões sobre se Blinken poderá ter sucesso, nesta que é a sua oitava visita à região desde que a guerra começou a 7 de outubro.

Netanyahu foi politicamente impulsionado em Israel por uma missão de resgate que conseguiu libertar quatro reféns no sábado, mas que foi mortal para os palestinianos – segundo o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas morreram 274 pessoas e quase 700 ficaram feridas. Um dia depois, o líder israelita recebeu o primeiro grande golpe político do conflito, quando Benny Gantz e um segundo membro do seu gabinete de guerra se demitiram.

Gantz, um ex-chefe do exército, criticou Netanyahu por não ter delineado um plano de governação pós-guerra para Gaza, e disse que o primeiro-ministro "está a impedir-nos" de uma "vitória real". O centrista também desafiou Netanyahu a marcar uma data para as eleições, exigência partilhada por um movimento de protesto que tem saído regular e ruidosamente às ruas de Israel contra o governo de direita. É esperado que Blinken, que estará na região até amanhã, se encontre com Gantz.

Na reunião com Netanyahu, Antony Blinken sublinhou a importância de um plano pós-conflito para Gaza, como é defendido por Gantz, mas também a importância de evitar que este conflito se alastre pela região. "Ele reiterou que a proposta [de cessar-fogo] sobre a mesa abriria a possibilidade de calma ao longo da fronteira norte de Israel e de maior integração com os países da região", segundo informações avançadas pelo Departamento de Estado norte-americano.

> Netanyahu recebeu o primeiro grande golpe político do conflito, quando Benny Gantz e um segundo membro do seu gabinete de guerra se demitiram.

Esta viagem do líder da diplomacia dos Estados Unidos terá ainda como paragens a Jordânia e o Qatar. Ontem, no Cairo, num encontro onde também esteve o chefe da inteligência egípcia, Abbas Kamel, Sisi e Blinken discutiram "esforços conjuntos para chegar a um acordo de cessar-fogo e troca de reféns-prisioneiros", de acordo com um comunicado da presidência egípcia. Esperava-se também que os dois líderes discutissem planos para reabrir a passagem fronteiriça de Rafah, entre o Egito e Gaza, que está fechada há um mês, desde que as tropas israelitas tomaram o lado palestiniano. Em declarações aos jornalistas, Blinken referiu que a sua mensagem aos governos regionais era que "se querem um cessar-fogo, pressionem o Hamas para dizer sim" à proposta dos Estados Unidos.

Para Sami Abu Zuhri, do Hamas, estas declarações de Blinken mostram um "preconceito em relação a Israel". "O discurso de Blinken durante a sua visita ao Egito oferece uma cobertura americana ao holocausto conduzido pela ocupação em Gaza", declarou o responsável do movimento islamista à Reuters.

ana.meireles@dn.pt

Rússia anuncia vitórias no campo de batalha antes da cimeira de paz

UCRÂNIA Presidente da Suíça anunciou ontem que cerca de 90 países e organizações vão participar na reunião do próximo fim de semana.

A Rússia reivindicou ontem a captura de outra aldeia na região oriental de Donetsk, a mais recente de uma série de vitórias anunciadas por Moscovo nas vésperas de uma importante cimeira para a paz na Ucrânia, a ter lugar na Suíça, e na qual o Kremlin não irá participar. O Ministério da Defesa da Rússia anunciou ontem que suas forças "continuaram a avançar nas profundezas da defesa do inimigo e libertaram Staromaiorske", localizada a sudoeste da cidade de Donetsk, controlada pela Rússia.

A perda desta aldeia é um golpe simbólico para Kiev, já que é uma das poucas que a Ucrânia conseguiu recapturar no ano passado. Staromaiorske fica na frente sul da região de Donetsk, uma das quatro regiões que Moscovo alega ter anexado em 2022 e onde estão a decorrer alguns dos combates mais violentos.

Putin disse na semana passada que a Rússia tomou 47 cidades e aldeias ucranianas este ano. Isso inclui ganhos na região nordeste de Kharkiv, onde Moscovo lançou um grande ataque terrestre no mês passado, causando a retirada de milhares de ucranianos. O conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan, referiu no domingo que o avanço da Rússia na região fronteiriça de Kharkiv "estagnou" depois de Washington ter suspendido parcialmente as restrições ao uso de armas doadas pelos Estados Unidos para atacar dentro da Rússia.

Cerca de 90 países e organizações, metade dos quais europeus, confirmaram a sua presença na cimeira de paz, organizada pela Suíça no próximo fim de semana. Moscovo não foi convidado, mas afirma que não teria comparecido de qualquer forma, uma vez que a conferência se baseia nas propostas de paz do Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, que a Rússia rejeita. "A questão não é se a Rússia estará a bordo, a questão é quando", referiu ontem o líder da diplomacia helvética, Ignazio Cassis.

Já a presidente suíça, Viola Amherd, explicou que a cimeira terá como objetivo traçar um caminho para uma possível paz. "Não se trata de propaganda", disse. "Trata-se da base da ajuda humanitária fornecida pela Suíça, baseada na promoção da paz e de modo a fornecer uma plataforma para iniciar um diálogo".

Amherd referiu ainda que a maioria dos participantes serão líderes de países, com cerca de metade representada a nível de chefe de Estado ou de governo, e "um punhado" de organizações, como a ONU.

O presidente francês, Emmanuel Macron, e o chanceler alemão, Olaf Scholz, estão entre os participantes já confirmados. A vice-presidente dos EUA, Kamala Harris, representará o seu país, sendo acompanhada pelo conselheiro de Segurança Nacional, Jake Sullivan. **A.M.**


SERGEY BOBOK / AFP

A região de Kharkiv foi alvo de uma ofensiva russa em maio.

Apple faz acordo com OpenAI e leva IA generativa para o iPhone com Apple Intelligence

TECNOLOGIA No evento anual para programadores WWDC, a gigante mostrou como a IA generativa vai mudar a experiência dos seus produtos. Novidades para os utilizadores vão ficar disponíveis a partir de setembro.

TEXTO **ANA RITA GUERRA**

A Apple chegou finalmente à nova era da Inteligência Artificial, com novidades relevantes que vão mudar a experiência dos seus utilizadores a partir de setembro. No arranque do evento anual para programadores WWDC, que decorre esta semana em Cupertino, a empresa anunciou o lançamento da Apple Intelligence: uma camada de serviços de IA e IA generativa que será visível no iPhone, iPad e computadores Macintosh. Também anunciou um acordo com a OpenAI, que vai integrar o ChatGPT diretamente no iPhone.

"Este é o início de um entusiasmante novo capítulo de inteligência pessoal", declarou o vice-presidente de engenharia de *software* da Apple, Craig Federighi. "É inteligência fundamentada nas coisas que nos definem."

A personalização é o grande foco da Apple, que pretende diferenciar-se da competição depois de ter sido uma das últimas a chegar à festa da IA generativa. Segundo explicou Federighi, as ferramentas atuais "sabem muito pouco" sobre os utilizadores e as suas necessidades, e por isso a Apple Intelligence é um sistema pessoal que entende ao nível individual. Tudo será processado no próprio aparelho – o que significa que só os iPhones a partir do 15 Pro e os iPads e Macs a partir do *chip* M1 poderão beneficiar da novidade.

As capacidades vão desde a reescrita automática de *emails* e verificação de gramática até à geração instantânea de imagens dentro da aplicação iMessages, Notas e outras. "O sistema compreende o seu contexto pessoal", frisou Federighi. Por exemplo, o utilizador pode perguntar "mostra-me o *podcast* que a minha mãe enviou no outro dia" ou "procura as fotografias onde a minha filha está de cor de rosa".

O assistente pessoal por voz Siri – que foi o primeiro a chegar, mas dos mais lentos a evoluir – dará um salto ao nível de capacidade de compreensão e ação, podendo entender conversas em contexto e agir de forma transversal nas aplicações. Um exemplo é ir buscar uma foto do cartão de identificação, extrair o número e inseri-lo num documento.

"Podemos tornar o Siri mais natural, contextualmente relevante e personalizado", disse a diretora de Machine Learning e IA da Apple, Kelsey Peterson. "Este ano marca o início de uma nova era para o Siri."



CEO da Apple, Tim Cook, na conferência da Apple, em Cupertino, Califórnia (EUA). JUSTIN SULLIVAN/AFP

As aplicações de escrita também receberão uma grande injeção de IA generativa – seja no Mail, Pages, Notas, publicações de blogue ou outras. No Mail, a caixa de entrada será reorganizada por prioridades e o utilizador poderá carregar num botão para obter sumários do conteúdo dos *emails* no topo. Também pode reescrever, analisar o tom e gerar um resumo dos *emails* que o utilizador escreve antes de enviar. A *app* Notas passará a poder gravar e transcrever áudio de forma automática, gerando um resumo no final.

Nas Mensagens, surgem várias novidades. Uma delas é o Genmoji, *emojis* criados por IA generativa a partir de um pedido do utilizador. Por exemplo, um *sketch* da mãe como se fosse uma heroína ou a melhor amiga com um chapéu de parabéns em desenho animado. Será ainda possível criar efeitos visuais e de texto nas mensagens, tais como sublinhar ou colocar em negrito. E na aplicação de Fotos, além da reorganização e pesquisa inteligente, será possível "apagar" elementos indesejados em pano de fundo.

"A Apple Intelligence é verdadeiramente única na forma como compreende o utilizador e vai ao seu encontro onde ele está", disse Craig Federighi, referindo que a disponibilização será para os próximos sistemas operativos que chegam no outono.

> As novas capacidades vão desde a reescrita automática de *emails* e verificação de gramática até à geração instantânea de imagens dentro da aplicação iMessages, Notas e outras.

Mas o salto da empresa para esta era da IA também se faz com a ajuda da OpenAI, que desencadeou a revolução da IA generativa com o ChatGPT. O *bot* será integrado no Siri e noutras partes do sistema da Apple. Se o utilizador fizer um pedido em que o ChatGPT pode ser útil, o Siri vai perguntar se pode pedir ajuda ao *bot* da OpenAI – seja para dar uma resposta ou para gerar uma imagem.

"Poderá aceder [ao ChatGPT] de forma gratuita e sem criar conta", frisou Federighi. Quem tem o serviço pago do ChatGPT terá a opção de conectar a sua conta com a Apple Intelligence. Esta integração estará disponível "mais para o final do ano" e a empresa pretende integrar também "outros modelos IA no futuro", embora sem dar detalhes.

Numa apresentação que durou quase duas horas, a Apple fez um resumo de tudo o que vai chegar ao nível de *software* na segunda metade de 2024: o visionOS 2, o sistema operativo dos óculos de realidade mista Vision Pro; o iOS 18, sistema que alimenta o iPhone; iPadOS 18, para o seu *tablet*; watchOS 11, para o relógio inteligente; e MacOS Sequoia, para os seus computadores. Neste último, foi dado um grande destaque às funcionalidades de privacidade e segurança, além da maior integração com o iPhone: passará a ser possível aceder a tudo o que está dentro do iPhone a partir do Mac sem tocar no telefone e sem que este tenha de ser desbloqueado.

O evento da Apple acontece numa altura em que a pressão sobre a empresa para recuperar terreno na IA vinha em crescendo. O CEO Tim Cook salientou que a gigante "usa *machine learning* e IA há anos" com o objetivo de desenhar "produtos poderosos que melhoram a vida das pessoas".

O executivo disse que a empresa quer garantir que a inteligência contribui para os princípios que fundamentam os seus produtos. "Construída de uma forma única, acreditamos que a Apple Intelligence será indispensável para os produtos que já têm um papel tão central nas nossas vidas."

geral@dinheirovivo.pt



HALLDOR KOLBEINS / AFP

Os dois capitães vão hoje a jogo frente à República da Irlanda. Ronaldo deve ser titular.

Martínez tirou lições da Croácia e Pepe e Ronaldo vão ter minutos

EURO2024 Portugal faz hoje o último teste frente à Rep. Irlanda. Selecionador confirma que os capitães vão jogar, mas não revela se a titulares. E vê CR7 capaz de jogar de quatro em quatro dias.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Por mais críticas que sejam apontadas à fraca exibição da seleção na derrota de sábado com a Croácia, Roberto Martínez desvaloriza e insiste que em termos de preparação foi "um jogo perfeito". Hoje (19.45, RTP1), frente à República da Irlanda, em Aveiro, no último teste antes do Euro2024, o selecionador revelou que Cristiano Ronaldo, Pepe e Rúben Neves vão ter minutos, mas não confirmou se serão titulares.

"Somos hoje uma seleção mais preparada do que antes do jogo com a Croácia", atirou, reforçando que "foi um jogo fantástico porque exigiu muita tática e tecnicamente". "A Croácia joga como um clube, não há muitas seleções assim. Têm jogadores com muita experiência, com melhor sincronização do que nos clubes. Não é um caso normal no futebol internacional. É um adversário com o qual podemos melhorar. O jogo foi perfeito desde o ponto de vista de preparação", analisou.

Nesse jogo ficaram à vista fragilidades defensivas (como contra a Finlândia) e falta de eficácia no ataque. Por isso, esta noite, diante dos irlandeses, deverão existir mudanças no onze, sendo possível que Pepe e Cristiano Ronaldo sejam apostas de início. Mas Martínez só anunciou que terão minutos. "Amanhã [hoje] temos o Cristiano, o Rúben Neves e o Pepe, é um jogo perfeito para dar minutos. Não sei ainda se serão titulares, mas vão ter minutos. Faz parte da preparação", adiantou. À partida, o central pode começar no banco, mas o avançado deverá jogar de início.

Relativamente ao que espera de Ronaldo durante o Europeu, e se o capitão está em condições de corresponder à sua máxima de que na seleção os 11 jogadores têm de atacar e defender, o selecionador deixou elogios a CR7. "O Cristiano tem uma experiência enorme. Não há outro com esta experiência. Sabe muito bem utilizar o espaço na área e é um finalizador especial. O foco e a atenção à perda a posições defensivas foram perfeitas nos jogos que realizámos. O Cristiano teve 51 jogos nesta época. Não teve problemas, mas acho que os dados a nível de clube não são iguais aos das seleções. Mas mostrou que pode jogar a cada quatro dias, acho que não há problema. Mas avaliaremos isso no torneio", notou.

> *"Somos hoje uma seleção mais preparada do que antes do jogo com a Croácia. Foi um jogo fantástico porque exigiu muita tática e tecnicamente. Em termos de preparação foi perfeiro.""*
>
> **Roberto Martínez**
> Selecionador nacional

Martínez fez ainda questão de passar uma mensagem a nível da importância dos dois capitães no seio do grupo: "O Pepe tem muita experiência, o Cristiano também. Tiveram um período muito bom com a seleção. São importantes no balneário, quando estão no relvado e fora. São importantes pelo que significam. Esperamos que possam ter um bom trabalho amanhã [hoje] e dar o passo em frente".

O selecionador nacional garantiu ainda que os problemas defensivos revelados nos particulares com a Finlândia, e também com Croácia, estão identificados. "Sim, olhar para trás é muito fácil no futebol. O importante é ter intensidade defensiva, calma, para ter bons gestos técnicos. É importante olhar para trás e ver os golos sofridos com a Finlândia, precisamos de melhorar. Permitimos dois remates e sofremos dois golos. Faz parte do processo. Todos os golos são diferentes. Não há uma relação de uma linha defensiva, posição ou jogadores, é um foco de estar com bola, de querer marcar golos. E precisamos de ter um foco defensivo também", avaliou.

Ainda voltando ao jogo com a Croácia, Martínez indicou que Portugal marcou o melhor golo desde que está à frente da equipa: "Acho que a seleção é melhor com o passar do tempo. O resultado final mostra quem ganha o jogo, mas há formas de analisar o jogo e os conceitos que estão a executar. Falamos muito de adversários, é um erro. Precisamos de falar de Portugal, como Portugal joga. Não há jogos fáceis."

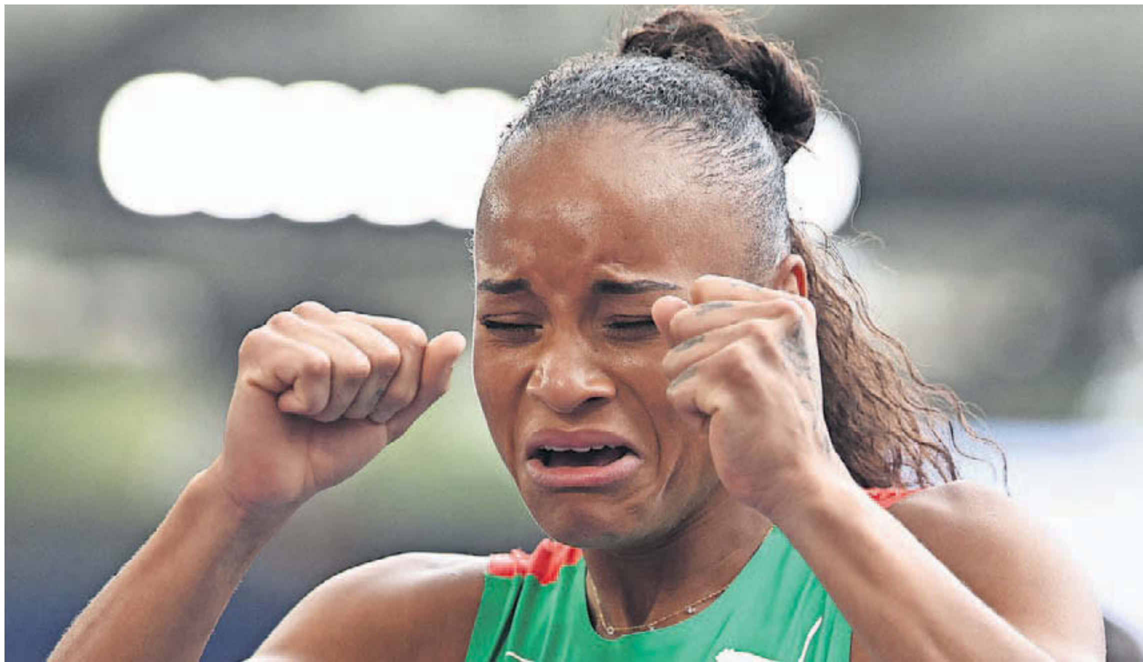
Bruno gosta do negativismo em torno da seleção

Bruno Fernandes foi o jogador designado para falar em conferência de imprensa e desvalorizou a derrota diante da Croácia, prometendo que a equipa se vai apresentar bem no Europeu, embora concorde que a seleção tem aspetos a melhorar. Para o médio do Manchester United, até é bom existir esta desconfiança em torno da equipa

"Há sempre aspetos a melhorar. Para ser sincero, gosto um bocadinho deste negativismo à volta da seleção, de que não é tão boa. É um sinal de que as pessoas esperam muito de nós e querem mais. Temos qualidade para fazer mais e melhor. Amanhã [hoje] temos uma oportunidade para mostrarmos que somos uma boa seleção e que estamos preparados para o Europeu. Às vezes temos de cheirar o perigo e houve momentos em que não conseguimos cheirar. O segundo golo da Croácia é um bom exemplo. Temos de estar mais alerta", referiu.

"A Islândia também venceu a Inglaterra, que é apontada por muitos como a principal candidata a vencer o Europeu e teve agora uma derrota inesperada contra a Islândia. A Croácia, a nível de individualidades, foi a seleção mais forte que defrontámos desde que Roberto Martínez chegou. Fizemos uma qualificação excelente, mas sabemos e temos a capacidade de leitura e de reagir às adversidades. É isso que temos de fazer com a República da Irlanda", acrescentou.

nuno.fernandes@dn.pt


ANNE-CHRISTINE POUJOULAT / AFP

Atleta portuguesa emocinou-se nos festejos após a brilhante prova dos 400 metros barreiras.

O sonho de Fatoumata. Final, recorde e Paris2024

EUROPEUS DE ATLETISMO Portuguesa bateu recorde nacional dos 400 metros barreiras e vai à final, tal como Isaac Nader nos 1500 metros.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Fatoumata Diallo viveu ontem um conto de fadas nos Europeus de atletismo em Roma. A atleta portuguesa apurou-se para a final de hoje dos 400 metros barreiras, bateu o recorde nacional da modalidade que estava na posse de Vera Barbosa há quase 12 anos e apurou-se para os Jogos Olímpicos de Paris.

"Antigamente, ficava a ver pela televisão e queria estar a correr com as melhores do mundo e, hoje, ainda não acredito que estou aqui. É um orgulho representar Portugal e ser finalista pela primeira vez na carreira", admitiu a barreirista, de 24 anos, não disfarçando a alegria com a passagem à final dos 400 barreiras, valendo os 54,65 segundos que a deixaram no quarto lugar da primeira série.

"Representa muito para mim, era um dos meus sonhos", atirou a atleta, que, depois de ter sido 26.ª nos Mundiais Budapeste2023, na estreia em grandes competições, compete pela primeira vez em Europeus. Além da final dos 400 metros barreiras, Diallo encara a concretização do sonho olímpico: "Já me imaginava em Paris, mas eu queria estar entre as melhores e fazer os mínimos. Por isso, agora, agradeço ao meu treinador, à minha mãe e ao meu namorado."

Nascida na Guiné-Conacri, a jovem separou-se cedo dos pais, que vieram para Portugal quando tinha cinco anos e uma irmã bebé, além dos irmãos mais velhos, e guarda ainda "cicatrizes no corpo" do que sofreu naquele tempo, até se mudar para Olhão em 2012. O atletismo em Portugal salvou-lhe a vida. "Vim de África, não tive uma infância como toda a gente. Transformei toda esta raiva no atletismo, sempre a trabalhar, trabalhar, e a não ligar ao que os outros dizem", contou recentemente.

Fatoumata Diallo já garantiu a melhor classificação de sempre de Portugal nos 400 barreiras em Europeus, destronando, também aqui, Vera Barbosa, que foi 10.ª em Zurique2014.

> Hoje, além da final dos 400 barreiras com Diallo, há grande expetativa de medalha no triplo salto, onde vão participar Pedro Pichardo e Tiago Pereira.

A atleta elevou assim para 12 os apurados portugueses no atletismo. Portugal passa a ter 56 atletas com lugar marcado nos Jogos, que decorrem de 26 de julho a 11 de agosto, embora as vagas do atletismo só sejam confirmadas oficialmente depois de 30 de junho, quando for realizado o acerto entre lugares de *ranking* e marcas.

Também apurado para uma final está Isaac Nader, neste caso nos 1500 metros, feito alcançado ontem depois de recuperar de uma queda na volta final. "Foi de repente, eu vi que iam cair, tentei desviar-me, mas era impossível e acabei por cair. As feridas tratam-se, limpam-se, faz parte. É o desporto", contou o português

Isaac Nader cumpriu a segunda série das eliminatórias em 3.38,83 minutos, garantindo o sexto lugar e a última vaga para a final, que vai ser disputada na quarta-feira, às 22:26 locais (21:26 em Lisboa).

Para hoje, além da final dos 400 metros com a presença de Fatoumata Diallo, há uma grande expetativa na obtenção de uma medalha na final do triplo salto, onde vão participar o campeão olímpico Pedro Pablo Pichardo e também Tiago Pereira. A prova terá início às 19.55 portuguesas.

Com LUSA

nuno.fernandes@dn.pt

Real desmente Ancelotti e vai estar no Mundial de Clubes

POLÉMICA Treinador disse numa entrevista que a equipa não ia participar na nova prova da FIFA. Mas o clube emitiu um comunicado a garantir o contrário.

O Real Madrid desmentiu ontem através de um comunicado as declarações feitas pelo treinador Carlo Ancelotti, que numa entrevista ao *Il Giornale* tinha garantido que o clube não iria participar no novo Mundial de Clubes, competição criada pela FIFA, com 32 equipas (Benfica e FC Porto estão na lista), que se vai realizar em 2025 nos Estados Unidos.

"O Real Madrid informa que em nenhum momento colocou em causa a sua participação no novo Mundial de Clubes que a FIFA vai organizar na temporada 2024/25. Portanto, o nosso clube vai disputar, tal como previsto, esta competição oficial que iremos enfrentar com orgulho e com a máxima ilusão para voltarmos a fazer sonhar os nossos milhões de adeptos em todo o mundo com um novo título", informou o clube.

Ancelotti também retificou aquilo que havia dito na entrevista - "A FIFA pode esquecer isso, os jogadores e os clubes não vão participar nesse torneio. Um só jogo do Real Madrid vale 20 milhões de euros e a FIFA quer dar essa quantia para toda a prova. Negativo. Tal como nós, outros clubes vão rejeitar o convite". "Na entrevista as minhas palavras sobre o Mundial de Clubes não foram interpretadas da maneira que eu pretendia. Longe de mim rejeitar a possibilidade de disputar um torneio que considero que pode ser mais um desafio para o Real Madrid continuar a ganhar títulos", retratou-se o treinador nas redes sociais.



PEDRO ROCHA / GLOBAL IMAGEN

Benfica tricampeão de basquetebol

O Benfica sagrou-se ontem tricampeão nacional de basquetebol, ao vencer no Pavilhão da Luz o FC Porto por 83-76, no terceiro encontro da final dos *play-offs*, que ganhou por 3-0. Os encarnados, que ao intervalo já venciam por 41-35, tinham triunfado nos dois primeiros jogos, disputados no Dragão Arena, vencendo por 89-66, o primeiro, e 73-62, o segundo, anulando dessa forma a vantagem do fator casa do FC Porto. A formação da Luz reforçou ainda mais a liderança do *ranking* de vencedores, somando agora 30 títulos, contra 12 dos dragões e nove do Sporting. "A coesão e o apoio dos benfiquistas foram importantes, sobretudo em momentos em que o FC Porto jogou muito bem. Estamos num grande momento da época, no melhor momento defensivo, defender não é uma questão de talento, é de compromisso e trabalho", disse no final o treinador benfiquista Norberto Alves, não revelando dados sobre o seu futuro.

Guadalupe Nettel

"As vidas das mulheres também merecem ser contadas"

LITERATURA No centro das histórias que Guadalupe Nettel nos conta no romance *A Filha Única* estão três mulheres, com as suas dúvidas, perplexidade e medos. Nascida no México em 1973, a autora obteve grande sucesso no seu país com este livro, que não receia questionar vários tabus da sociedade contemporânea.



ENTREVISTA **MARIA JOÃO MARTINS**

Há muito que sabemos que todo o corpo humano é território político, mas, nos últimos tempos, essa realidade tem-nos sido lembrada com alarmante acuidade. Sobretudo se o corpo é de mulher e é visto como um peão no xadrez da Demografia. Em *A Filha Única*, finalista do Prémio Booker Prize Internacional, com mais de 20 edições no México, país natal da autora, Guadalupe Nettel conta-nos as histórias de três mulheres (Alina, Laura e Doris) que vivem a maternidade em situações difíceis, com muitas dúvidas e interrogações. Sobre elas, e sobre o livro em que "vivem", escreveu Annie Ernaux, Nobel da Literatura em 2022: "Em *A Filha Única*, Guadalupe Nettel retrata com grande veracidade a vida tal como a encontramos no dia-a-dia, levando-nos ao coração das únicas coisas que realmente importam: a vida, a morte e as nossas relações com os outros." Guadalupe, autora de vários livros, é diretora da Revista da Universidade do México e colabora com publicações como *Granta*, *The New York Times*, *El País* ou *La Repubblica*.

Neste livro conta as histórias de três mulheres, que têm em comum maneiras diferenciadas de viver a maternidade. Ainda é um tabu não ser uma mãe perfeita, o que quer que isso seja, ou, pura e simplesmente, não querer ter filhos?

Inicialmente eu só queria escrever a história de uma minha amiga, e da sua maternidade tão complicada, mas, ao longo do processo de escrita, apareceram outros temas que estão, de alguma forma relacionados. Como as perguntas que fazemos a nós próprias e dificilmente verbalizamos, Eu própria sou mãe e há momentos em que me pergunto: E se eu não tivesse seguido este caminho? Ou ainda: Será que fui mãe para cumprir as expectativas da minha família e da sociedade? As mulheres que decidem não ter filhos sempre foram muito pouco representadas na literatura, e quando o são, são associadas a um certo juízo de valor por parte do autor. É porque têm um trauma, não podem ou porque são egoístas. Mas, na verdade, se pensarmos bem, façam o que fizerem das suas vidas, as mulheres são sempre julgadas. Ou é porque se divorciam, ou porque têm muitos namorados ou porque não têm nenhum, ou porque preferem outras mulheres. Temos de saber prosseguir, mesmo sabendo que é assim, não nos podemos deixar inibir. Mas também é importante que falemos disso.

> *"Se pensarmos bem, façam o que fizerem das suas vidas, as mulheres são sempre julgadas. Ou é porque se divorciam, ou porque têm muitos namorados ou porque não têm nenhum, ou porque preferem outras mulheres".*

Mas só agora é que o fazemos.

Quando a Annie Ernaux (Prémio Nobel da Literatura, 2022) esteve no México, tivemos ocasião de falar e ela disse-me que quando publicou *A Mulher Gelada*, a crítica a tratou muito mal, dizendo que era um livro que não interessava nada porque "apenas" falava de assuntos de senhoras.

Ainda se fala de literatura dita de mulheres, como um género à parte, que não interessa ao resto da sociedade? Como se as mulheres fossem um país à parte?

Sim, totalmente. No livro há uma cena em que a Laura e a amiga vão ao cinema para ver um filme integrado num ciclo de filmes de mulheres. Como se fosse um género à parte, tipo filmes de terror ou *film noir*. Ou oriundos de outro país, efetivamente. E, no entanto, estamos a falar de mais de metade da humanidade. Ainda assim, eu estou otimista e sinto que essa perceção está a mudar um pouco.

Como decidiu contar a história da sua amiga, que é uma história muito dura de maternidade?

É uma história dura, que começa logo com a falta de um diagnóstico preciso e concreto sobre o mal que afeta a criança desde a gestação. Mas o que me inspirou realmente foi o modo como a minha amiga reagiu à desgraça. Isso, sim, eu quis partilhar com os outros, É muito inteligente o que ela fez e isso deve ser contado. Tentei pôr-me no seu lugar e, em determinado momento, tive de encontrar válvulas de escape para mim mesma, porque é uma realidade de chumbo. Foi, assim, que nasceu a ficção sobre as outras duas personagens femininas desta história, Laura e Doris.

Uma das suas personagens é uma jovem que quer ser muito independente, viajar pelo mundo, em vez de ser mãe. E hesita, e tem dúvidas. Para os homens, essa escolha não é tão dramática?

Em algum momento da história, decidiu-se que todo o peso de continuidade da espécie deveria recair sobre as mulheres, fazendo da maternidade a razão da existência de cada uma de nós. No último século, as feministas têm vindo a lutar para que não seja assim. Houve momentos em que se cortou com este modelo; foi o caso da Primeira Guerra Mundial, quando as mulheres foram ocupar os lugares dos homens nas fábricas. Quando terminou a Guerra, elas foram obrigadas a deixar os seus trabalhos para os homens que tinham sido desmobilizados e persuadidas a voltar ao lar e a gerar novos filhos, capazes de compensar o desequilíbrio demográfico gerado pela mortandade do conflito.

Esse tipo de argumentação volta a ser uma bandeira da extrema-direita, como se viu recentemente em Portugal.

Porque sempre que as mulheres conquistam algum terreno, haverá quem no-lo queira retirar e obrigar-nos a voltar à nossa domesticidade. E ressurge a narrativa de que esta é a nossa função no mundo. É o que está a acontecer nos Estados Unidos, que era um país em que já se tinha conquistado tantos para as mulheres. No meio literário, ainda há ainda o preconceito de que se escreves sobre mulheres é porque te dedicas à literatura cor-de-rosa e comercial. Mas este livro, o primeiro que dedico ao tema, fi-lo com toda a consciência do mundo porque as mulheres também têm vidas interessantes. Escrevi-o numa época muito importante, porque, no México, havia rios e rios de mulheres a lutar pelo fim do autêntico feminicídio que é a violência de género. Ao mesmo tempo, na Argentina discutia-se ainda a despenalização do aborto.. Acredito que a maternidade está no cerne destas questões porque é com esse argumento que nos querem devolver a casa. Quando nos negam o direito ao



CARLOS PIMENTEL/GLOBAL IMAGENS

aborto, negam-nos o direito a decidir obre o nosso corpo. Imagine-se uma mulher que engravida na sequência de uma violação. Ela nunca mais, em nenhum dia do resto da sua vida, poderá esquecer a violência de que foi vítima.

Do que se fala aqui também é de sentimentos contraditórios em relação à maternidade. É outro tabu?

Eu diria que a sociedade alimenta um ideal de maternidade que é quase de santidade. É como se fosse exigido às mulheres que se aproximem do comportamento da Virgem Maria. No entanto, não pedimos aos homens que sejam como o Batman ou Jesus Cristo. Nós somos mais sensatas. Mas o que se faz às mulheres é uma forma de chantagem. E, no entanto, haverá, com certeza, muitas formas de viver a maternidade e a paternidade, com estratégias diferentes conforme os casos.

Também se fala aqui de outro tema muito silenciado, que é a relação dos pais com os filhos com deficiência profunda. Outro tabu?

O tema da incapacidade também é importante porque também é muito silenciado. A minha amiga, que me inspirou, é uma pessoa muito discreta e eu perguntei-lhe se ela achava bem que eu contasse a sua história. Falámos muito. Foi muito interessante perceber que ela tinha tudo muito elaborado até ao nascimento, mas, a partir daí, ela já não tinha a história preparada.

Porque o médico lhe tinha dito que a criança não sobreviveria?

Sim, ela e o marido estavam-se a preparar para esse luto. Mas isso não aconteceu e eles viram-se com uma criança muito doente nos braços, mas viva.

Os pais estão muito sozinhos quando nascem crianças com um grande grau de incapacidade?

Estão. Têm de procurar uma rede de apoio com pessoas que passaram ou estão a passar pelo mesmo. E o que lhes dizem é que eles têm de conhecer quem é esta filha, que se calhar está tão longe do ideal de filho que eles tinham esperado, porque, da mesma maneira, que há um ideal de mãe, também há um ideal de filho. E todos, pais e filhos, temos de viver com o facto desses ideais não serem coisas realistas ou alcançáveis.

Quando vamos ter um novo livro seu?

No México, publiquei, em setembro do ano passado, um livro de contos intitulado *Os Divagantes*. São oito relatos sobre esta época em que vivemos tão perdidos, sobretudo após a pandemia, que, de algum modo, nos deixou sem norte. O título do livro vem de uma metáfora animal. Os albatrozes são animais com uma vida muito regulada, como era suposto ser a nossa. Nascem, percorrem enormes distâncias porque têm enormes asas que lhes possibilita planar, o que lhes permite voar adormecidos. Têm rotas preestabelecidas e, depois de percorrer quilómetros e quilómetros, voltam ao lugar onde nasceram. Aí escolhem um companheiro, que será o único para toda a vida. São monogâmicos Alguns, no entanto, por alguma circunstância, saem destas normas e fazem outras coisas. Os biólogos chamam-lhes albatrozes divagantes. Todas as personagens destes contos são figuras que, em algum momento das suas vidas, saíram da autoestrada e foram por outro caminho.

BREVES

Centenas leram *Os Lusíadas* em Díli

Centenas de pessoas passaram ontem pelo Centro Cultural português de Díli para ler *Os Lusíadas* e participar numa maratona a ler a obra e, ao mesmo tempo, assinalar os 500 anos do nascimento de Luís de Camões. Durante várias horas, estudantes, professores, jornalistas, cooperantes foram ao palco do centro cultural ler o poema épico que conta as aventuras e desventuras da época das navegações portuguesas. "Foi muito interessante porque desfilaram não só pessoas ligadas aos nossos projetos de cooperação mas também escolas públicas do sistema público timorense, sobretudo alunos e professores, mas foi muito agradável constatar como as pessoas conseguem ler, com alguma destreza, mais nuns casos que noutros, mas *Os Lusíadas* que não são propriamente um texto muito fácil", afirmou à Lusa a embaixadora de Portugal em Díli, Manuela Bairos.

Encontrados 22 pergaminhos de bíblia gótica

O Conselho Provincial de Alava localizou no mosteiro de Quejana (Ayala), em Espanha, 22 pergaminhos pertencentes à mesma bíblia gótica, dos quais outras 64 folhas serão leiloadas na Christie's, com um preço inicial superior a 35 mil euros. Na semana passada, foi divulgado que esta conhecida casa de leilões ia organizar uma licitação para aquilo a que chamaram a *Bíblia de Quejana*, cuja origem situaram no final do século XIII ou início do século XIV. A Christie's descreve-a como uma cópia rara e explica que não se trata da bíblia completa, uma vez que foi "desmembrada" antes do final do século XVII. Hoje será leiloado "apenas um décimo da bíblia original", que se estimava ter 700 páginas, como explica a deputada da Cultura, Ana del Val, que considera um exagero falar da "Bíblia de Quejana" e que é mais correto dizer "os pergaminhos do leilão".



Opinião
Guilherme d'Oliveira Martins

Vida em pedaços repartida

Compreender Camões é lê-lo no que tem a ver connosco. E Jorge de Sena disse no Dia de Portugal de 1977, que importava "dar a Portugal um Camões autêntico e inteiramente diferente do que tinham feito dele: um Camões profundo, um Camões dramático e dividido, um Camões subversivo e revolucionário, em tudo um homem do nosso tempo, que poderia juntar-se ao espírito da Revolução de Abril de 1974, e ao mesmo tempo sofrer em si mesmo as angústias e as dúvidas do homem moderno que não obedece a nada nem a ninguém senão à sua própria consciência". O poeta de *Perseguição* deixava, assim, claro que, "sendo Camões o maior escritor da nossa língua, que é uma das seis grandes línguas do mundo e um dos maiores poetas que esse mundo alguma vez produziu (ainda que esse mundo, na sua maioria, mesmo no Ocidente, o não saiba), ele é uma pedra de toque para portugueses, e porque tentar vê-lo como ele foi e não como as pessoas quiseram ou querem que ele seja, é um escândalo". No fundo, Camões é "o homem universal por excelência, o português estrangeirado e esquecido na distância, o emigrante e o exilado, é em *Os Lusíadas* e na sua obra inteira, tão imensa e tão grande, a medida do mais universal dos portugueses e do mais português dos homens do universo". Fora de qualquer tentação de autossatisfação ou de ilusão, "ninguém, como Camões, desejou representar em si mesmo a humanidade, representar tão exatamente o próprio Portugal, no que Portugal possui de mais fulgurante, de mais nobre, de mais humano, de mais de tudo e todos, em todos os tempos e lugares". No essencial, "ele é, como ninguém, o homem que viajou, viu e aprendeu. O homem que se sente moralmente no direito de verberar com tremenda intensidade, as desgraças de viver-se e os erros ou vícios da sociedade portuguesa". Eis a legitimidade própria para considerar Camões como um verdadeiro símbolo, em que o sentido crítico sobreleva quaisquer argumentos de oportunidade. E, como Sena disse ao seu amigo Ruy Cinatti, "Viver é coisa de mar, cheira a horizonte". Ora, quanto a Camões, o essencial é isto: "Leiam-no e amem-no: na sua epopeia, nas suas líricas, no seu teatro tão importante, nas suas cartas tão descaradamente divertidas. E lendo-o e amando-o (poucos homens neste mundo tanto reclamaram amor em todos os níveis, e compreensão em todas as profundidades) – todos vós aprendereis a conhecer quem sois aqui e no largo mundo, agora e sempre, e com os olhos postos na claridade de deslumbrante da liberdade e da justiça. Ignorar ou renegar Camões não é só renegar o Portugal a que pertencemos, tal como ele foi, gostemos ou não da história dele. É renegarmos a nossa mesma humanidade na mais alta e pura expressão que ela alguma vez assumiu. E não esqueçamos que Portugal é, como Camões, a vida pelo mundo em pedaços repartida".

E já Camilo Pessanha em 1924, há exatamente um século, neste mesmo mês de junho dissera: "Tem-se debatido desde há anos a questão de se Camões residiu ou não em Macau, se esteve ou não preso no tronco da cidade, se aqui desempenhou ou pôde ter desempenhado as apagadas funções de provedor dos defuntos e ausentes. A polémica há de decerto renascer mais animada algum dia; e provável é que o problema venha a decidir-se finalmente pela negativa. É a sorte de todas as tradições consagradas…". Mas o genial poeta solucionava o mistério do modo mais poético: "Há, é certo, lendas e lendas, tradições e tradições: umas sublimes, outras grotescas. Estas são efémeras, aquelas eternas. Basta como exemplo da indestrutibilidade destas últimas o da lenda heroica da Grécia". Também aqui, mais importante que tudo, nessa simbólica Gruta de Camões, importaria não ficar pelo pormenor biográfico, mas sim considerar o culto mesmo do Poeta, que simboliza a Pátria, como nenhum outro povo designou, num sentido aberto e universal, e as suas palavras são imortais. Mais do que discutir se esteve nesse local sagrado, o certo é que está!

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian



Opinião
Luís Castro Mendes

Em louvor do português do Brasil

Na minha infância já longínqua eu lia correntemente as revistas infantis brasileiras e a única estranheza que me lembro de ter sentido foi não entender quando se usava a palavra "caminhão" e quando a palavra "camião".

As diferenças entre o português usado em Portugal e o português falado no Brasil existem, por certo, ao nível da pronúncia como ao nível da semântica, mas basta pronunciar devagarinho para que uns e outros se entendam e basta fazer um pequeno esforço de reflexão para adivinhar o que se esconde atrás da nova palavra que nos aparece.

Um jornalista de S. Paulo escreveu as suas desventuras por ter recebido um automóvel importado com as instruções em português de Portugal. Adivinhar que "farol" era "luz" e "travão" era "freio" estava além do seu entendimento.

Eu não acredito na existência de uma língua brasileira (uma cultura é outra coisa) e verifico que nem os americanos reclamam não falar inglês nem os mexicanos consideram falar a língua mexicana. Angolanos e moçambicanos consideram a língua portuguesa como um património que conquistaram ao colonialismo. Por que razão vem do Brasil essa reivindicação de não falarem a mesma língua que se fala em Portugal?

Quem não sabe ler Guimarães Rosa ou Luandino Vieira não domina o português em toda a sua extensão. Um brasileiro considerar-se incapaz de ler os clássicos portugueses significa que ele não saberá ler os seus clássicos, nem José de Alencar nem Machado de Assis.

Por isso, saudando a iniciativa deste jornal de lançar um suplemento destinado à grande e estimável comunidade brasileira que vive e trabalha connosco em Portugal, ideia que me parece muito feliz, interrogo-me sobre o que significa escrever "em português do Brasil".

Na minha vida diplomática encontrei uma vez uma dificuldade semântica na redação de um comunicado conjunto entre Portugal e o Brasil. Tratava-se da palavra "cimeira", que para os brasileiros só poderia ser "cúpula". Não foi difícil nem dramático resolver o problema: o comunicado, no texto brasileiro dizia "cúpula", e no texto português usava "cimeira". Lembrei-me da canção que Louis Armstrong e Ella Fitzgerald interpretavam sobre as diferenças entre o inglês britânico e o inglês americano: "You say tomato (*tomeito*) I say tomato (*tomato*) ". Não foram estas diferenças que afetaram a língua inglesa nem a impediram de atingir a força hegemónica que hoje tem no mundo.

Se reconheço que o português do Brasil e a cultura brasileira são próprias e diferenciadas em relação à nossa língua e à nossa cultura, recuso argumentos como aquele que defendia que o Padre António Vieira não era português, mas sim brasileiro, porque de pequenino comia mandioca.

Um estudioso da literatura brasileira, gaúcho de origem alemã, indignava-se por se estudar no Brasil a tradição literária portuguesa, quando a literatura alemã era bem mais rica. Francisco Weffort falava, a propósito dessas nostalgias de outras colonizações "mais civilizadas", que de vez em quando percorrem as almas brasileiras, num "bovarismo do Brasil".

Madame Bovary procurava, através das suas infelizes aventuras amorosas, salvar o seu presente da asfixiante vulgaridade em que vivia. O bovarismo brasileiro quer fazer isso com o passado. O que poderíamos ter sido pesa-nos sempre como uma ânsia não cumprida. Mas às vezes faz-nos esquecer o que poderíamos ser no presente e no futuro.

O português do Brasil é afinal a língua portuguesa nos seus modos e registos diversos, gaúchos, cariocas ou nordestinos.

> **"Eu não acredito na existência de uma língua brasileira (uma cultura é outra coisa) e verifico que nem os americanos reclamam não falar inglês nem os mexicanos consideram falar a língua mexicana.**

Diplomata e escritor

PUBLICIDADE

avisos, tribunais e conservatórias

NOVA | NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, ao qual podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe

» **Referência NOVASBE.CT.64.2024 –** 1 Técnico Superior para exercer funções na área Faculty & Research na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho sem termo.

» **Referência NOVASBE.CT.65.2024 –** 1 Técnico Superior para exercer funções na área Faculty & Research na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho sem termo.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

Women'sHealth
REVISTA BIMESTRAL



ASSINE A WOMEN'S HEALTH PAPEL+DIGITAL
POR APENAS ~~21,60€~~
14,90€/6 EDIÇÕES

LIGUE 219249999



A ASSINATURA INCLUI A VERSÃO IMPRESSA E A VERSÃO DIGITAL. VALORES COM IVA INCLUÍDO. CAMPANHA VÁLIDA PARA PORTUGAL ATÉ 30 DE JUNHO DE 2024, NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS EM VIGOR. VALOR DA ASSINATURA NÃO REEMBOLSÁVEL. PARA MAIS INFORMAÇÕES: ASSINATURAS.QUIOSQUEGM.PT | APOIOCLIENTE@NOTICIASDIRECT.PT | 219249999 (DIAS ÚTEIS DAS 8H00 ÀS 18H00 - CHAMADA PARA A REDE FIXA NACIONAL).

 WOMENSHEALTHPORTUGAL  @WOMENSHEALTHPORTUGAL WOMENSHEALTH.PT



REPÚBLICA PORTUGUESA
SAÚDE



DGS desde 1899
Direção-Geral da Saúde

AVISO N.º 30/2024

NÚCLEO DE GESTÃO DOS PROGRAMAS DE APOIO FINANCEIRO

Abertura do Processo de Candidatura a Financiamento Público a projetos no âmbito do Programa Nacional para as Infeções Sexualmente Transmissíveis e Infeção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana e do Programa Nacional para as Hepatites Virais

Nos termos do artigo 9.º da Portaria n.º 258/2013, de 13 de agosto, a Direção-Geral da Saúde, através do Núcleo de Gestão dos Programas de Apoio Financeiro, torna pública a abertura de concurso para financiamento de um projeto no âmbito do Programa Nacional para as Infeções Sexualmente Transmissíveis e Infeção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana e do Programa Nacional para as Hepatites Virais.

O projeto submetido a concurso deve nos termos da referida Portaria concorrer para a prossecução dos objetivos do PN IST e VIH e PNHV, tendo como finalidade promover ativamente o acesso à prevenção, a realização do teste de rastreio das infeções por VIH, VHB, VHC e outras IST e a adequada referenciação, nos grupos dos Trabalhadores do Sexo e seus clientes e garantir o acesso a materiais de prevenção, no distrito de Faro (concelhos de Portimão e Loulé).

Área de Intervenção a Concurso

Para 2030, a ONUSIDA define metas ambiciosas para orientar e acelerar a resposta à epidemia VIH: 95% das pessoas que vivem com VIH diagnosticadas; 95% das pessoas diagnosticadas em tratamento antirretroviral; 95% das pessoas em tratamento com carga viral indetetável.

Embora se verifique uma tendência decrescente no número anual de novos diagnósticos de infeção por VIH e novos diagnósticos de SIDA, observada a partir do ano 2000, a taxa de diagnóstico tardio da doença mantém -se das mais elevadas registadas na União Europeia. Em 2022, 57,2% foram diagnósticos tardios, proporções que se revelaram mais elevadas nos casos de homens que referem transmissão heterossexual (68,1%). A região do Algarve apresenta proporções de 56,0% de diagnósticos tardios e o distrito de Faro apresentou a segunda taxa média de novos diagnósticos mais elevada do País (16,0 casos/105 habitantes), no período de 2018 a 2022. No mesmo período, Portimão foi o segundo concelho que apresentou a taxa mais elevada de novos casos (26,7 casos/10^5 habitantes).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que morram em todo o Mundo cerca de 1,34 milhões de pessoas por hepatites virais e pelas suas consequências crónicas, designadamente cirrose e carcinoma hepatocelular (887 000 por hepatite B e 399 000 por hepatite C).

É fundamental manter o apoio às organizações da sociedade civil, nomeadamente organizações não-governamentais, associações de e para doentes e organizações de base comunitária; é mais do que nunca essencial para garantir o acesso seguro aos serviços de prevenção, rastreio e tratamento de IST, VIH e da doença hepática crónica, através das suas iniciativas e projetos de proximidade junto das populações mais vulneráveis.

Assim, pretende-se financiar um projeto que:

- Promova a literacia em saúde e o acesso à prevenção das infeções por VIH, VHB, VHC e outras Infeções Sexualmente Transmissíveis;
- Disponibilize cerca de 1250 sessões de rastreio de VIH, VHB, VHC e outras IST, de forma anónima, confidencial e gratuita, com informação pré-teste e aconselhamento pós-teste, de acordo com as orientações nacionais e internacionais;
- Garanta a referenciação hospitalar e o acesso eficaz de todas as pessoas com resultados reativos para o Serviço Nacional de Saúde;
- Garanta, em caso de necessidade, o acompanhamento à primeira consulta hospitalar para confirmação de resultados e, nas consultas subsequentes, nos casos em que a adesão e retenção aos cuidados possam estar comprometidas;
- Promova a notificação anónima e o rastreio de contactos;
- Promova o aconselhamento e a referenciação para a PrEP e PPE;
- Disponibilize materiais preventivos;
- Promova o combate ao estigma e à discriminação associados ao trabalho sexual e à infeção por VIH, hepatites virais e outras IST.

Devem ainda estar asseguradas as seguintes condições:

- Pessoal técnico com formação adequada comprovada para exercer as atividades objeto deste concurso;
- As intervenções devem ser desenvolvidas de acordo com as Normas e Orientações Nacionais e as Recomendações Internacionais vigentes;
- O manuseamento dos resíduos (recolha dos testes e todo o material envolvido na realização do teste, *in loco* e a sua destruição por entidades competentes);
- A supervisão da atividade de utilização de dispositivos destinados à deteção, confirmação e quantificação de marcadores de infeção por VIH nos termos do enquadramento legal em vigor (artigo 68.º do Decreto-Lei n.º 145/2009, de 17 de Junho);
- A participação em programas de avaliação externa de qualidade que estejam disponíveis, designadamente, o Programa Nacional de Avaliação Externa da Qualidade (PNAEQ) do Instituto Nacional de Saúde, Doutor Ricardo Jorge, I.P. (INSA, I.P.);
- A entidade candidata deverá fazer prova da existência de supervisão laboratorial e de programa de avaliação externa da qualidade da atividade desenvolvida, através da apresentação dos documentos comprovativos devidamente assinados e datados, no separador Anexos do formulário SIPAFS, em Outros.

Entidades que se podem candidatar ao apoio
Pessoas coletivas privadas sem fins lucrativos, nos termos dos artigos 2.º e 3.º da Portaria n.º 258/2013, de 13 de agosto.

Condições gerais de acesso
As constantes no artigo 7.º da Portaria n.º 258/2013, de 13 de agosto.

Duração do projeto
O projeto selecionado tem a duração máxima de 12 meses.

Candidatura
As Condições técnicas da candidatura são as constantes no artigo 10.º da Portaria n.º 258/2013, de 13 de agosto.
Cada candidatura deve corresponder a um único projeto, abrangendo todas as necessidades identificadas na área de intervenção a concurso.
As entidades concorrentes devem formalizar as candidaturas através da plataforma eletrónica disponível em **https://sipafs.min-saude.pt/SIPAFS_Inicio/Inicio**

Recomendamos a consulta do **"MANUAL - SISTEMA INTEGRADO DE PROGRAMAS DE APOIO FINANCEIRO EM SAÚDE – Utilizadores Externos DGS"**, disponível em:
https://sipafs.min-saude.pt/SIPAFS_Inicio/Inicio.

Para esclarecimento de dúvidas, contacte: Núcleo de Gestão dos Programas de Apoio Financeiro (NUGESPAF) - Correio eletrónico
- **financiamento@dgs.min-saude.pt**

Prazo de candidatura
As candidaturas devem ser submetidas no prazo de 5 dias úteis a contar da data da publicação deste aviso.

Valor máximo de financiamento
€52.500 (cinquenta e dois mil e quinhentos euros).

Modalidade de pagamento
O pagamento é efetuado através de um adiantamento de 25% do montante financiado, após a assinatura do contrato, seguido de 9 prestações no início de cada mês.

Relatórios de execução técnica e financeira
A entidade beneficiária do apoio financeiro deve submeter à DGS um relatório intercalar no prazo máximo de 30 dias a contar do período de seis meses de execução do projeto e um relatório final no prazo máximo de 30 dias a contar do término do projeto. Adicionalmente, a entidade beneficiária do apoio financeiro deverá enviar trimestralmente os dados da atividade desenvolvida, nomeadamente, o número de sessões de rastreio realizadas, o número de testes realizados, o número de resultados reativos, o número de pessoas com resultados reativos referenciados para consulta hospitalar e a caracterização da população abrangida, em formulários cedidos pela DGS para o efeito.

Elegibilidade de despesas
São consideradas despesas elegíveis:
- **1 -** Encargos com pessoal
- **2 -** Custos de funcionamento
  - **2.1 -** administrativos/gerais
  - **2.2 -** comunicações
  - **2.3 -** consumíveis
  - **2.5 -** combustíveis e lubrificantes
  - **2.6 -** locação de espaços
  - **2.7 -** assistência/manutenção de instalações e unidade móvel
  - **2.8 -** seguros
  - **2.9 -** aquisição de serviços especializados
  - **2.11 -** outros custos de funcionamento

Para mais informações, como por exemplo despesas a incluir nas rubricas, sub-rubricas e sub/sub-rubricas, deve consultar o "**MANUAL FINANCEIRO – Utilizadores SIPAFS**", disponível em:
https://sipafs.min-saude.pt/SIPAFS_Inicio/Inici

Exclusão de candidaturas
Os motivos de exclusão de uma candidatura são constantes do Artigo 11.º da Portaria n.º 258/2013, de 13 de agosto.

Critérios de seleção
A avaliação da candidatura permite, em primeiro lugar, confirmar a sua conformidade formal, nos termos do artigo 10.º da Portaria n.º 258/2013, de 13 de agosto, e, em segundo lugar, apreciar o seu valor técnico e adequação à área de intervenção do concurso e às necessidades identificadas.
As candidaturas serão analisadas de acordo com os seguintes critérios:

Critérios de Avaliação	Pontuação Máxima
Experiência da entidade candidata e da equipa técnica	3
Pertinência do projeto para a obtenção de ganhos em saúde	3
Plano de monitorização e avaliação	3
Parcerias e acordos de colaboração	3
Adequação do orçamento proposto ao projeto	3
Sustentabilidade do projeto	3
Seleção e caraterização do grupo-alvo	3
Formulação dos objetivos	3
Adequação das metodologias e conteúdos de intervenção	3
Relação custo-benefício	3
Natureza inovadora do projeto	3

Cada critério é pontuado numa escala de 0 a 3. A classificação final corresponderá à média ponderada dos valores obtidos em cada critério. Será favorável se obtiver uma pontuação igual ou superior a 1,5 ou não favorável se inferior 1,5.
A pontuação negativa (0 ou 1) atribuída aos critérios *I – Experiência da Entidade candidata e da equipa técnica e II – Pertinência do projeto para a obtenção de ganhos em saúde justifica um parecer final desfavorável, não se exigindo que os restantes critérios sejam analisados.*
Será selecionada para financiamento a candidatura com maior pontuação.
Se as candidaturas obtiverem a mesma classificação final, o critério de desempate será o de menor encargo financeiro para a Direção-Geral da Saúde.

Notificações dos Candidatos
As notificações dos candidatos no âmbito do presente procedimento serão enviadas, preferencialmente, para o correio eletrónico indicado pelos candidatos na Plataforma SIPAFS, no campo "Dados Gerais" da Entidade, os quais deverão estar atualizados.

Composição da Comissão de Seleção

Membros efetivos (3 elementos):
Ana Cristina Bastos – Núcleo de Gestão dos Programas de Apoio Financeiro (Presidente)
Joana Bettencourt – Programa Nacional para as Infeções Sexualmente Transmissíveis e Infeção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana e do Programa Nacional para as Hepatites Virais
Helena Ferreira – Ponto Focal para as IST e VIH da região do Algarve

Membros suplentes:
João Vintém – Núcleo de Gestão dos Programas de Apoio Financeiro
Alexandre Gomes – Programa Nacional para as Infeções Sexualmente Transmissíveis e Infeção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana e Programa Nacional para as Hepatites Virais.


Diario de Noticias

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAES PORTUGUESES

Fundadores EDUARDO COELHO e CONDE DE S. MARÇAL

A FESTA DA RAÇA

HOMENAGEM AO ÉPICO IMORTAL

Foi o povo quem deu a nota comovedora das comemorações

UM NOME QUE E' ESTIMULO E GARANTIA DA INDEPENDENCIA PORTUGUESA

O prisma que deve apresentar-se a quantos influem nos destinos da Patria

Camões desconhecido

COMO PASSOU NESTE MUNDO

OS ESTUDOS camoneanos

CAMÕES E O FOLCLORE

O poeta na epopeia e na lirica

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 11 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES: Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima

CHEFE DA REDACÇÃO E EDITOR: Acurcio Pereira

1 - Desfile das escolas em frente da estatua do Poeta—2—O cortejo desfilando no Rossio—3—O carro da marinha, ao passar em frente da Camara, de cuja varanda o Chefe do Estado assistiu ao desfilar do cortejo

Director—AUG

Telef.—365, 534, 2446 e 5310

FESTA

GRUPO BEL activespace Amaral AMICIS GIN AUGUSTO DUARTE REIS aximage BEL Distribuição BEL e-POWER DLP Portugal

A FESTA DA RAÇA

HOMENAGEM AO ÉPICO IMORTAL

Foi o povo quem deu a nota comovedora das comemorações

UM NOME QUE E' ESTIMULO E GARANTIA DA INDEPENDENCIA PORTUGUESA

O prisma que deve apresentar-se a quantos influem nos destinos da Patria

Ora não se diga que não ha compensação para tristezas. Temos tido muitas, sem duvida, mas tambem ha a registar alguns momentos felizes, desses que retemperam o espirito, que o compensam das desditas sofridas, e que, como dissemos ontem, o animam na esperança de melhores dias.

A homenagem a Camões, ao epico imortal que não é só da Patria Portuguesa, mas é apanagio de todo o mundo culto, esta festa, bem cognominada a «Festa da Raça», teve e tem uma nota brilhante, que comove e que anima: dá-lha o Povo.

E' vêr-se essas ruas, é recordar o cortejo de ontem. Era o Povo que o dominava, o Povo que não é erudito, mas que sabe compreender e sentir—intuição natural—tudo quanto é pertença da sua grandeza, tudo quanto o torna respeitado, apesar da sua miniatura geografica, aos olhos dos que são poderosos e pesam na balança dos destinos do mundo!

Criancinhas, cujo aspecto seria de tudo menos o da abastança, lá as vimos no cortejo, acompanhando, sorridentes, aqueles que pela sua idade têm jus a compreender e sentir a obra do Poeta!

E a representação, tanto de associações como de municipios e de outras entidades que o leitor conhece pelo relato do «Diario de Noticias», era de molde a imprimir um certo respeito pelo muito que significava! Em todas elas, o Povo, repetimo-lo, dominava como legião.

Naturalmente, por impulso proprio, ele identifica-se com tudo o que seja vibrar a nota patriotica.

Sempre assim foi nos mais apertados lances da nossa historia.

Atravessamos uma crise que, para ninguem é segredo, assume gravidade que ha-de vencer-se. Para que se consiga o almejado «desideratum» é necessario trabalhar; e para que o trabalho seja fecundo, grato e expontaneo, é, outro-sim, necessario que seja consciente e que na colectividade haja uma força dominadora que a subjugue, que a leve ao sacrificio com a resignada alegria de quem quer viver, porque a sua dignidade, o seu passado e o seu logico futuro assim a obrigam na compreensão nitida dos seus direitos e dos seus deveres. E' este o prisma que deve apresentar-se a quantos influem nos destinos da Patria.

Camões personifica-o, e ela consagrou-lhe a indiscutivel personificação. Vejamos o que se passa nesta cidade de Lisboa, e não haverá português que duvide do futuro de Portugal. O Povo aí está a demonstra-lo com o aplauso unanime de todos os patriotas.

Camões desconhecido

COMO PASSOU NESTE MUNDO

a maior figura das nossas letras, o poeta genial que todo o mundo culto admira, o cantor nacional, simbolo e resumo do nosso espirito colectivo e da nossa patria gloriosa

PUB

futurete · Global Media Group · Golden Eagle · inovaworks · Metalúrgica Luso-Italiana, S.A. · Rio Mourinho · SDT · VASP

50 EMPRESAS
6 ÁREAS DE NEGÓCIO



lotaria clássica
EXTRAÇÃO: 024/2024 **2.º PRÉMIO: 16753**
1.º PRÉMIO: 34726 **3.º PRÉMIO: 55105**

EURODREAMS
SORTEIO: 047/2024
CHAVE: 4-7-27-31-33-40 + 3

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS



RODRIGO ANTUNES/LUSA

Polícia foi forçada a intervir para evitar que os confrontos tomassem proporções maiores.

Antifascistas e nacionalistas envolvidos em confrontos

LISBOA Os dois grupos concentraram-se no Padrão dos Descobrimentos. Houve provocações e agressões e a polícia foi obrigada a intervir.

Manifestantes antifascistas e nacionalistas envolveram-se ontem em confrontos ao final da tarde junto ao Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa, e obrigaram à intervenção de agentes da PSP para pôr fim aos incidentes que poderiam ter tomado proporções maiores não fosse a pronta intervenção das forças de segurança

A Unidade Especial da Polícia foi obrigada a intervir perto das 18.00 de ontem sobre manifestantes de ambos os lados para os separar, constatou a agência Lusa no local. Depois de separar os dois grupos, a PSP usou momentaneamente bastões sobre estes manifestantes.

Os confrontos ocorreram após cerca de meia hora de provocações mútuas entre os dois movimentos que se encontravam separados por poucos metros – uma manifestação de vários movimentos antifascistas, intitulada "Não Passarão" (ver mais noticiário na pág. 17), e outra de cariz nacionalista, associada ao Grupo 1143. Além de cânticos, houve arremesso de balões com tinta, tochas e potes de fumo.

Na sequência dos incidentes, a PSP alargou o perímetro de segurança, afastando também turistas que se encontravam no local.

Após uma fase mais calma e sem incidentes das concentrações dos dois grupos, os elementos da manifestação nacionalista acabaram por deixar o local pelas 19.00. Foi já depois da saída destes elementos que se registou nova intervenção policial desta vez sobre alguns manifestantes antifascistas com bastonadas.

Questionado pela Lusa sobre a operação mobilizada para o Padrão dos Descobrimentos e a escalada de tensão, o porta-voz da PSP explicou que "é sempre difícil manter o equilíbrio" entre o direito à manifestação e a segurança, "ainda mais numa zona turística".

"Terá havido um foco de tensão e arremesso de alguns objetos. Para evitar que escalasse para a desordem generalizada, interviemos e alargámos o perímetro de segurança. Temos de manter um equilíbrio entre liberdade e segurança. Enquanto a segurança não foi colocada em causa, demos espaço à liberdade; quando foi colocada em causa, separámos os grupos", afirmou o subintendente Sérgio Soares. Assegurou também que houve apenas um "uso momentâneo e regulado" dos bastões pela PSP sobre os dois grupos de manifestantes. **Com LUSA**

BREVES

Ministro pede auditoria a escolas no estrangeiro

O Governo pediu uma auditoria às contas das escolas portuguesas no estrangeiro como "forma de esclarecer a gestão financeira e administrativa" disse ontem o ministro da Educação, em Luanda. Fernando Alexandre, que falava à margem das comemorações do Dia de Portugal na Escola Portuguesa de Luanda, explicou que a auditoria foi pedida ao Tribunal de Contas no dia 26 de maio e abrange todas as escolas da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa): Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Díli (Timor Leste) e Macau. "As escolas portuguesas no estrangeiro são muito importantes, são talvez o instrumento de cooperação mais importante do Governo português. A rede cresceu muito nos últimos anos e não cresceu da forma estruturada e organizada que, para a dimensão que já tem, deve ter". O ministro disse que, por informações que foi recebendo, considerou que a melhor forma de esclarecer a gestão financeira e administrativa destas escolas seria através de uma auditoria independente. Questionado se havia suspeitas de má gestão, afirmou apenas que "não tem a garantia de que haja uma boa gestão".

Clooney na campanha para a reeleição de Joe Biden

George Clooney é dos últimos atores a juntar-se à campanha para a reeleição de Joe Biden como presidente dos EUA, estando prevista a sua presença num evento esta semana, segundo fontes da campanha. No sábado, Clooney e a atriz Julia Roberts participarão numa angariação de fundos para a campanha em Los Angeles, juntamente com Biden e o antigo presidente Barack Obama. O evento será apresentado por Jimmy Kimmel, que moderará uma conversa com o presidente e receberá a elite de Hollywood em apoio à reeleição do democrata. Este anúncio surge depois de, na semana passada, ter sido revelado que Clooney falou com a equipa de Biden, criticando a posição da sua administração relativamente ao Tribunal Penal Internacional (TPI), que a sua mulher, Amal Clooney, especialista em direito humanitário, está a aconselhar sobre a crise de Gaza. De acordo com o *The New York Times*, Clooney transmitiu a sua queixa a Steve Ricchetti, um conselheiro de Biden que no passado já foi angariador de fundos para a campanha. Amal Clooney tem sido uma das principais conselheiras dos procuradores do TPI no processo contra Israel por causa do impacto humanitário da sua ofensiva contra o Hamas em Gaza, que já causou mais de 35.000 vítimas civis.



Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

